

JULIA PIRES DE BRITTO COSTA

**ESCOLHA DE REPERTÓRIO PARA
COROS INFANTOJUVENIS:
uma revisão integrativa em periódicos brasileiros
(2013-2023).**

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo

2023

JULIA PIRES DE BRITTO COSTA

**ESCOLHA DE REPERTÓRIO PARA
COROS INFANTOJUVENIS:
uma revisão integrativa em periódicos brasileiros
(2013-2023).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Licenciada em Música.

Orientadora: Prof(a). Dra Susana Cecilia Almeida Igayara-Souza

São Paulo

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Britto-Costa, Julia Pires de
Escolha de repertório para coros infantojuvenis: uma
revisão integrativa em periódicos brasileiros (2013-2023)
/ Julia Pires de Britto-Costa; orientadora, Susana
Cecilia Almeida Igayara-Souza. - São Paulo, 2023.
66 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Música / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Coro infantojuvenil. 2. Escolha de repertório. 3.
Revisão integrativa. 4. Educação musical. 5. Graduação em
música. I. Igayara-Souza, Susana Cecilia Almeida. II.
Título.

CDD 21.ed. - 780

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

*Dedico este trabalho à Mãe de Deus, sob o título de Aparecida,
e a meus pais: Joaquim (in memoriam) e Isabel.*

“Parece-me que os anjos também estão a cantar!”

Franz Schubert.

AGRADECIMENTOS

Ao Bom Deus, que pela Aliança de Amor com Maria, Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, me envolve a cada instante com seu cuidado providente.

A Susana Igayara-Souza pela paciência e dedicação em me orientar nesta monografia, por seu entusiasmo e aprofundamento no repertório coral que também inspiraram a escolhê-lo como tema deste trabalho, e por tudo que me ensinou durante a graduação.

A Marco Antônio da Silva Ramos - pela alegria de ter cantado no Coro de Câmara Communicantus sob sua direção, por tantos ensinamentos e sobretudo pelo grande cuidado e confiança no potencial de seus alunos.

À Rúbia Andreta, membro suplente da banca de avaliação deste trabalho, pela generosidade em compartilhar comigo as tabelas que utilizou na realização da revisão integrativa de seu mestrado.

A minha prima Letícia Costa, que muito generosamente me ajudou na realização desta minha primeira pesquisa acadêmica, seu companheirismo foi de suma importância para mim.

A Gisele Cruz e Paula Castiglioni, membros da banca titular de avaliação deste trabalho.

Aos monitores e colegas do Coro de Câmara Communicantus e do Cuco (Coral Universitário Communicantus), particularmente à Denise Castilho (que me acompanha desde o Coro Juvenil da Osesp) e a Fred Teixeira (com quem pude muito aprender no Coral da ECA e nas aulas de Regência Coral).

Aos professores e colegas do departamento de música, de modo particular a Profa. Ana Fridman, coordenadora do curso de Licenciatura.

Aos professores que tanto me ensinaram e inspiraram nesta caminhada - Chico Campos (professor aposentado do Curso de Canto e Arte Lírica da USP), Renata Pereira (Suzuki Teacher Trainer), Viviane Pinheiro (FEUSP) e Silmara Drezza (Instituto Baccarelli).

À Tinê, minha tia - que foi minha primeira professora de piano - pela paciência e dedicação em me ensinar. Aos regentes, professores e colegas que fizeram parte da minha trajetória de formação musical - de modo particular ao maestro Teruo Yoshida.

À minha querida mãe Isabel Pires por sua dedicação incessante e amorosa por mim e por minha irmã; e ao meu amado pai Joaquim (in memoriam), que trago com tantas saudades em meu coração.

À minha irmã Luiza, grande companheira desde que nos entendemos por gente, e a meu irmão Bruno - cuja sincera companhia, repleta de reflexões musicais, continua me despertando ainda maior entusiasmo pela música.

À Família de Schoenstatt e à Juventude Feminina da Vila Mariana - de modo especial à Ir. Elisa Maria, à Ir. M. Verônica, à Bia e à Gabi; a Frei Jair Roberto (TOR) que me acompanhou com suas orações; e aos amigos que estiveram ao meu lado neste percurso, em especial a M. Beatriz.

RESUMO

BRITTO-COSTA, Julia Pires de. *Escolha de repertório para coros infantojuvenis: uma revisão integrativa em periódicos brasileiros (2013-2023)*. 2023, 66p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Resumo: O presente trabalho buscou investigar a temática da escolha de repertório para coros infantojuvenis. Visando responder à pergunta “Quais os critérios envolvidos na escolha de repertório para coro infantojuvenil?”, esta monografia tem o objetivo de contribuir com estudos sobre a prática coral no contexto educacional infantojuvenil, fornecendo subsídio à atuação do regente-educador. Como procedimento metodológico, foi realizada uma revisão integrativa em periódicos musicais brasileiros, entre 2013 e 2023, procurando compreender o que se afirma na literatura acadêmica a respeito da conduta do regente-educador na escolha de repertório para coro infantojuvenil. Antes, foi realizada uma revisão narrativa de literatura com o intuito de mapear o estado da arte da escolha de repertório para esse perfil de coro. O trabalho está estruturado em dois capítulos: o primeiro apresenta uma discussão teórica e no segundo capítulo, expõe-se a revisão integrativa: metodologia e fatores de relevância na seleção de repertório para o coro infantojuvenil mais recorrentes na literatura analisada. Como resultados, foram localizados 9 artigos que discutem a importância da prática coral como modalidade de educação musical e a relevância da flexibilização e ludicidade no trabalho com o coro infantojuvenil. Entre os aspectos específicos estão: o conhecimento do grupo e do repertório (quanto a elementos musicais, tessitura, texto e tema), o diálogo com as ideias de música do regente, do coralista e da plateia, e a importância da diversidade de repertório numa perspectiva educativa. Conclui-se que a presença deste tema nos periódicos brasileiros ainda é escassa, mas aponta caminhos para continuidade das pesquisas.

Palavras-chave: Coro infantojuvenil. Escolha de Repertório. Revisão integrativa. Educação musical. Graduação em Música.

ABSTRACT

BRITTO-COSTA, Julia Pires de. Choosing repertoire for children and youth choirs: an integrative review in Brazilian journals (2013-2023). 2023, 66p. Course Conclusion Paper (Undergraduate studies in Music) - Department of Music, School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

Abstract: This work sought to investigate the issue of choosing repertoire for Children and youth choirs. In order to answer the question "What are the criteria involved in choosing repertoire for children's choirs?", this monograph aims to contribute to studies on choral practice in the educational context of children and adolescents, providing support for the conductor-educator's work. As a methodological procedure, an integrative review was carried out in Brazilian music journals, between 2013 and 2023, seeking to understand what is stated in the academic literature regarding the conductor-educator's conduct in choosing repertoire for children's choirs. First, a narrative literature review was carried out in order to map out the state of the art in choosing repertoire for this type of choir. The work is structured in two chapters: the first presents a theoretical discussion and the second chapter presents the integrative review: methodology and factors of relevance in the selection of repertoire for children's choirs that are most recurrent in the literature analyzed. As a result, 9 articles were found that discuss the importance of choral practice as a form of musical education and the relevance of flexibility and playfulness in working with children's choirs. Specific aspects include: knowledge of the group and the repertoire (in terms of musical elements, tessitura, text and theme), dialog with the conductor's, chorister's and audience's ideas of music, and the importance of repertoire diversity from an educational perspective. We conclude that the presence of this theme in Brazilian periodicals is still scarce, but points to ways of continuing research.

Key-words: Children and youth choirs. Choosing repertoire. Integrative review. Music education. Undergraduate studies in Music.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas e siglas	p. 14
Lista de figuras	p. 14
Lista de tabelas	p. 15
Introdução	p. 16
Capítulo 1: Repertório para Coros Infantojuvenis	p. 23
1.1. Coro Infantojuvenil	p. 23
1.2 Centralidade do Repertório	p. 25
1.2.1 Escolha criteriosa	p. 26
1.2.2 Agentes de seleção	p. 27
1.2.3 Indícios de adequação ou inadequação da escolha	p. 27
1.3 Critérios de relevância na escolha de repertório	p. 30
1.3.1 Tessitura e Configuração coral	p. 30
1.3.2 Texto e tema	p. 33
1.3.3 Diversidade de repertório	p. 35
1.3.4 Perspectiva pedagógica	p. 36
1.4 Considerações	p. 39
Capítulo 2: Revisão integrativa em periódicos brasileiros	p. 42
2.1 Procedimentos metodológicos e materiais utilizados	p. 42
2.2 Resultados obtidos	p. 45
2.3 Discussão dos resultados	p. 48
2.3.1 Coro infantojuvenil	p. 48
2.3.2 Perspectiva pedagógica	p. 50
2.3.3 Tessitura	p. 53
2.3.4 Repertório	p. 54
2.3.5 Síntese	p. 58
Conclusão	p. 61
Referências bibliográficas	p. 64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
A	Contralto
B	Baixo
Br	Barítono
C	Cambiata
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LARCI	Laboratório de Regência Coral Infantil
ECA	Escola de Comunicações e Artes.
OMS	Organização Mundial da Saúde
OSESP	Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
PCIU!	Projeto Coral Infantojuvenil da UFMS
PCNs	Parâmetros Nacionais Curriculares
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
S	Soprano
T	Tenor
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 - Fluxograma do processo de inclusão dos estudos. Elaboração própria, Britto-Costa (2023).

p. 43

Fig. 2 - Fluxograma dos critérios de seleção de repertório para coro infantojuvenil (síntese da revisão integrativa). Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

p. 58

LISTA DE TABELAS

Tab. 1 - Proposta de delimitação de tessitura para coros de adolescentes - faixa etária de 10 a 18 anos (Costa, 2017, p.40)

p. 32

Tab. 2 - Repertório adequado a idade e habilidade por Leck/Dwyer (Leck,2020)

p. 38

Tab. 3 - Levantamento com os descritores (Coro infantil) e Coro infantojuvenil. Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

p. 44

Tab. 4 - Textos incluídos na revisão (artigos de nº 1 a 3). Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

p. 45

Tab. 5 - Textos incluídos na revisão (artigos de nº 4 a 9). Elaboração própria, Britto-Costa (2023)

p. 46

Tab. 6 - Objetivos, métodos e resultados do artigo de número 1. Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

p. 446

Tab. 7 - Objetivos, métodos e resultados dos artigos de número 2 a 6. Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

p. 47

Tab. 8 - Objetivos, métodos e resultados dos artigos de número 7 a 9. Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

p. 48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar a temática da escolha de repertório para coros infantojuvenis. Todavia, antes de aprofundar-me na estruturação e objetivos deste trabalho, penso ser relevante expor muito brevemente as razões que motivaram, em um primeiro momento, a delimitação de sua temática, e que estão intimamente ligadas às reflexões sobre minha própria trajetória.

O coro infantojuvenil (na concepção que será melhor delineada nesta monografia), foi parte extremamente significativa de minha formação musical. Devo ao período relativamente curto (dos 13 aos 16 anos de idade, totalizando 3 anos) que cantei no Coro infantil da Osesp, a base das minhas vivências e aprendizados musicais - e que, mais à frente, foi decisiva na escolha da minha graduação: Licenciatura em Música. Diante disso, iniciei a graduação já com um objetivo em mente: direcionar minha futura atuação ao trabalho com coral infantil. Tendo iniciado o curso com meus 17 anos, faltou-me num primeiro momento a compreensão do que seria necessário para bem formar-me diante deste objetivo.

Pela rica experiência coral que o Departamento de Música me proporcionou logo nos primeiros anos de graduação - com a participação no Coral da ECA e, mais adiante, no Coral da Classe de Regência, como bolsista do Coro de Câmara Comunicantus e como monitora na disciplina de Práticas Multidisciplinares em Canto Coral com Estágio Supervisionado - pude encontrar muitas das respostas àqueles questionamentos que me acompanharam nesta caminhada, particularmente quanto aos procedimentos e às habilidades envolvidas na atividade coral. À minha experiência como coralista, acrescentava-se, então, a visão de um regente-educador - que pude desenvolver por meio dessas experiências práticas que me foram proporcionadas de modo particular no Laboratório Coral Comunicantus .

Surgiam, então, novas perguntas quanto à formação do regente coral infantojuvenil e sua atuação. Como realizar este trabalho? Como aluna, encontrava dificuldade na compreensão de como se dá a preparação deste profissional, e, portanto, a que estudos direcionar-me. Ana Lúcia Iara Gaborim-Moreira (2015), em sua pesquisa de doutorado (orientada por Marco Antonio da Silva Ramos), nos ajuda a compreender essa realidade:

não há um curso específico de formação técnica ou acadêmica em regência coral infanto juvenil no Brasil (até onde foi possível verificar)[...] podemos inferir que *essa formação tem ocorrido de maneira esporádica, fragmentada e não padronizada*. Além disso, nos cursos de curta duração sobre a prática coral infantojuvenil oferecidos em congressos, simpósios e outros eventos dessa natureza,

não há possibilidade de aprofundamento teórico, de forma que as informações adquiridas são essencialmente empíricas e superficiais, o que leva os regentes a atuarem, muitas vezes, de maneira intuitiva. (Gaborim-Moreira, 2015, p.29, grifo nosso)

Curiosamente, somente nos meus últimos anos de graduação é que tomei consciência da importante influência dos cursos de curta duração a que a autora se refere na realidade da área coral (ainda que não ofereçam a oportunidade de maior aprofundamento teórico). Observa-se nesta área, ainda mais evidentemente quando se trata de coros infantojuvenis, uma escassez de bibliografia brasileira de nível superior - como refletem Klesia Garcia Andrade, Anaide Maria Alves da Paz e Valdiene Carneiro Pereira (2023) e Coelho (2009, p.14, apud Gaborim-Moreira, 2015, p.30). É justamente neste aspecto que as inquietações próprias de minha trajetória se convergem na pertinência desta pesquisa -paralelamente se reconhece a importância da experiência empírica como grande ferramenta de educação no fazer coral e o grande proveito que se tem quando estas são transpostas ao saber científico.

A prática coral, como concebida em Andrade, Paz e Pereira (2023), é comumente utilizada como meio para atingir os fins pedagógico-musicais que se propõem nos mais diversos ambientes educacionais voltados à musicalização de crianças e jovens. Observa-se sua particular pertinência na educação escolar básica, como afirma Patrícia Costa (2017), com base em sua experiência empírica:

A partir da implementação da Lei 11.769, que torna obrigatório o ensino de Música nas escolas de educação básica, tem havido maior procura pelo canto coral como instrumento de Educação, por razões que esta pesquisa não pretende abarcar.” (Costa, 2017, p. 9)

A autora segue discorrendo sobre as diversas prerrogativas e funções socioculturais do canto coral, a que enfatiza sobretudo sua característica de grande acessibilidade por trabalhar com a voz humana. Neste mesmo sentido, Reis (2019) salienta a possibilidade de implementação da atividade coral com um mínimo de recursos, pois tendo a voz como instrumento prioritário, permite que todo indivíduo possa ter acesso à música. Como em Costa, esta pesquisa não pretende abarcar as razões para tal constatação, no entanto norteia-se por ela na medida em que se pondera sobre a relevância do canto coral na Educação (seja ela formal ou não formal).

Como subsídio à compreensão do escopo desta monografia, utiliza-se também a definição de ‘coro’, que pode ser encontrada na tese de livre docência de Ramos (2003 apud Gaborim-Moreira, 2015):

Poder-se-ia dizer que um coro é: um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música sob a direção de um regente; um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música sob a direção de um regente para ‘levar o nome’ de uma determinada empresa, instituição, escola, etc.; um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música sob a direção de um regente para ‘levar a palavra’ de alguma igreja; um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música sob a direção de um regente com a intenção de musicalizar adultos e crianças, levando em conta seus potenciais criativos, emocionais, etc...; um agrupamento de pessoas com a finalidade de cantar juntas uma mesma música com a melhor técnica e performance musicais possíveis, seja o repertório que for, dentro da visão mais aberta possível, sob a direção de um regente; outros, sob a direção de um regente; qualquer das alternativas acima, sem a direção de um regente. (Ramos, 2003, p.5-6, apud Gaborim-Moreira, 2015, p.26).

Utilizando a mesma perspectiva de Costa (2017) e a concepção de coro apresentada acima, utiliza-se como padrão o termo ‘coro’, podendo também substituí-lo por ‘coral’. No que se refere à Regência coral infantojuvenil, de acordo com Gaborim-Moreira (2015), compreende-se a atual situação brasileira: a maior parte da população não tem ou teve acesso à experiência coral e raramente assiste apresentações desse gênero musical, observa-se certa incompreensão quanto ao termo ‘coro’ e uma equivocada visão de coro infantojuvenil com relação às concepções de Regência. Acrescenta-se que “aquilo que chamamos de coro infantojuvenil nem sempre obedece a uma única orientação” (Gaborim-Moreira, 2015, p.26). Diante disso, utiliza-se aqui a seguinte concepção de Regência coral infantojuvenil: “uma prática que se constrói sobre processos de ensino-aprendizagem e se consolida na performance artística” (Gaborim-Moreira, 2015, p.25) - e que de certa forma se estende às outras concepções de regência.

Em seguimento, Andrade, Paz e Pereira (2023) comentam a delimitação que se faz necessária ao termo *coro infantojuvenil* - levando em consideração os variados usos desta terminologia nas pesquisas sobre este tema - e aqui também se fazem necessárias algumas considerações sobre este assunto.

Gaborim-Moreira (2015) aponta de modo particular “grande diversidade em relação à faixa etária dos coralistas” (id, p.82) e a existência de três denominações referentes a esses coros: *infantil*, *infantojuvenil* e *juvenil*. Ressalta também, no contexto brasileiro, que é comum a não padronização de tais denominações com relação à faixa etária dos coralistas. As diferentes aplicações da terminologia variam, então, consideravelmente. Em sua pesquisa de doutorado, a autora considera, como integrantes do assim denominado coro infantojuvenil, crianças e pré-adolescentes em idade escolar, abarcando a faixa etária de 6 a 12 anos:

denominamos coro infantojuvenil o trabalho vocal que visa o aprendizado musical em conjunto, direcionado principalmente aos coralistas que se encontram em idade escolar (ensino fundamental) e que se encontram em fase de pleno desenvolvimento de suas capacidades motoras, perceptivas, intelectuais, verbais, afetivas e sociais. (Gaborim-Moreira, 2015, p.82)

Nessa mesma direção, Costa (2017) afirma ter encontrado “o desafio de estabelecer as delimitações da faixa etária, imersas em variáveis que tendem a nos desorientar” (id, p.19). Nesse sentido, em sua tese sobre repertório para coros juvenis, “adota o termo adolescência como o período indicado pela OMS, i.e., dos 10 aos 20 anos, reconhecendo a subdivisão de 10 a 12 anos como pré-adolescência.” (id, p.19) - faixa etária em que baseia primordialmente suas considerações sobre repertório, tendo como objeto de estudo a faixa etária posterior à apresentada por Gaborim-Moreira (2015).

Em defesa da necessidade de alguma padronização nestes termos, Costa desenvolve sua pesquisa na “tentativa [...] de *organizar as características de cada configuração coral, para [...] padronizar suas designações*, visando a *busca adequada por material pertinente* para coros distintos conforme idades.” (id, p.21 - grifo nosso). Por conseguinte, assume a seguinte configuração: *Coro infantojuvenil* como *grupo de crianças e pré-adolescentes* e *Coro juvenil* como *grupo de adolescentes e jovens*.

Em vista disso, este trabalho ampara-se também na sua ratificação de Costa (2017) sobre o canto coral, de que “boa parte das pesquisas sobre este se concentram nas modalidades de coro infantil e adulto; poucas publicações mencionam especificamente a prática coral entre adolescentes no Brasil” (id, p.10) e tendo em vista a realidade inerente a esta denominação coral: uma “peculiar transição entre pré-adolescência e adolescência propriamente dita” (Costa, 2017, p.44).

Seguindo essa mesma lógica, apesar de Costa direcionar sua pesquisa a uma faixa etária posterior à contemplada por Gaborim-Moreira, considera-se que ambas são complementares e possuem grande relevância na compreensão das características de um coro infantojuvenil, de modo particular quando se constata a abrangência da educação escolar no somente no Ensino Fundamental, por exemplo, que, contemplando seus anos iniciais e finais, pode abarcar a faixa etária de 6 a 14 anos (aqui desconsidera-se a taxa de distorção idade-série, mas entende-se que é um fator que pode influenciar também na faixa etária contemplada). Desse modo, pode-se abarcar tanto a delimitação feita por Gaborim-Moreira (2015) quanto aquela feita por Costa (2017), que em tabela sobre tessitura dos coros iniciantes

delimita a faixa etária do coro infantojuvenil como de 10 a 14 anos. Isso incorre em uma grande variedade de características vocais, como se confirma em Costa (2017):

esta estratégia de relacionar o coro à faixa etária e/ou nível de escolaridade não vai garantir as características do resultado sonoro pois, estando seus participantes em plena instabilidade fisiológica, nem sempre o que funcionará para um cantor será adequado a outro, ainda que sejam da mesma idade ou série escolar (Costa, 2017, p.30)

Neste mesmo contexto, a escolha de um repertório a ser desenvolvido se configura como elemento essencial: o repertório é o meio e o fim pelo qual se procura desenvolver a atividade coral. É o meio pelo qual se procura aplicar as mais diversas estratégias tendo em vista a musicalização dos coralistas; e é o fim, porque se configura também como um objetivo em si - tendo em vista a apresentação de um resultado sonoro em um contexto social específico. Configura, também, “um dos maiores desafios para o regente de coro infantil brasileiro”, como afirma a regente Gisele Cruz (Sesc São Paulo, 1997, p.65).

Nesse sentido, surgiu o seguinte questionamento: Quais os critérios envolvidos na escolha de repertório para coro infantojuvenil?

Visando responder a esta pergunta, este trabalho tem, em termos gerais, o objetivo de contribuir com estudos sobre a prática coral no contexto educacional infanto juvenil, fornecendo subsídio à atuação do regente-educador. Mais especificamente, o presente trabalho visa compreender, a partir de uma revisão integrativa, o que se afirma na literatura acadêmica a respeito da conduta do regente-educador na escolha de repertório para coro infantojuvenil no contexto brasileiro.

Tal pesquisa se faz necessária considerando a ainda latente produção científico-acadêmica referente a esta temática, constatada por Andrade, Paz e Pereira (2023) - o que se estende, mais consideravelmente, às pesquisas que abordem especificamente a escolha de repertório neste contexto.

Para suprir essa demanda e responder a esta questão de caráter particularmente prático, lançamos mão de dois tipos de revisão bibliográfica - uma revisão narrativa para mapear o estado da arte do assunto a que esta pesquisa se refere, e uma revisão integrativa de literatura realizada de acordo com suas aplicações e o processo de elaboração, como apresentados em Carvalho, Souza e Silva (2010).

O presente trabalho se configura da seguinte maneira: no primeiro capítulo realizamos a exposição do referencial teórico sobre o objeto de estudo (ou seja, os resultados da revisão narrativa de literatura) que abarca alguns trabalhos de doutorado e mestrado, também

capítulos de livros, que - em ponderação conjunta entre aluna e orientadora - foram considerados relevantes à posterior análise dos dados coletados para revisão integrativa, cuja metodologia e materiais são pormenorizados no segundo capítulo. Por fim, no terceiro capítulo deste trabalho, encontra-se a apresentação e discussão de resultados da revisão integrativa.

A partir dos dados coletados e de sua análise, tendo por base a discussão teórica empreendida, pôde-se organizar alguns critérios de maior relevância na condução do trabalho de seleção de repertório para coros infantojuvenis, essencial ao trabalho do regente-educador atuante nesse contexto educacional.

Ou isto ou aquilo

*Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!*

*Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!*

*Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.*

*É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!*

*Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.*

*Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

*Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.*

*Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

CAPÍTULO 1:

REPERTÓRIO PARA COROS INFANTOJUVENIS

1.1 Coro infantojuvenil

Para a devida compreensão das particularidades do coro infantojuvenil, interessou-nos sobretudo as considerações de Gaborim-Moreira (2015) - que diante de informações obtidas por meio de questionário estruturado destinado a *acadêmicos, regentes e educadores musicais* brasileiros, realizou pesquisa bibliográfica que fosse ao encontro das principais inquietações apresentadas nestes depoimentos:

por um lado, verifica-se que a prática coral acontece na maioria dos casos com pouca infraestrutura, e por outro lado, constata-se *lacunas na preparação do profissional* que conduz esse trabalho, o que se reflete principalmente nas execuções técnicas e nas escolhas repertoriais (Gaborim-Moreira, 2015, p.25, grifo nosso).

Para tal, apresentou 3 frentes de revisão literária: própria Regência, Técnica Vocal e Educação Musical. Interessou-nos suas considerações sobre o grupo coral infantojuvenil e a regência coral infantojuvenil. A autora enfatiza com frequência que “o processo de formação do regente envolve necessariamente, além de um amplo domínio musical, *domínio de conhecimentos no campo psicopedagógico*” (Gaborim-Moreira, 2015, p.29, grifo nosso), de modo que esteja imbuído de conhecimento das diferentes fases de desenvolvimento das crianças e de referências que lhe dêem ferramentas para lidar com as “distintas faixas etárias que precisam se equilibrar na prática coral.” (Gaborim-Moreira, 2015, p.84)

Quanto à formação do regente coral infantojuvenil, a autora também menciona outra problemática na formação desse profissional que também se configura como relevante (e não se restringe ao Brasil): a funcionalidade e importância da existência de “um grupo de crianças que possa ser observado, investigado, ou que se possa reger em caráter experimental, de maneira a colocar em prática os conhecimentos adquiridos nessa área”(Gaborim-Moreira, 2015, p.29).

Sua pesquisa procura responder quais seriam os saberes realmente fundamentais para o regente brasileiro de coros infantojuvenis. Nesse contexto, destaca-se que os conteúdos musicais inerentes a essa formação, essenciais a tal formação, não serão discutidos no trabalho

- a autora se restringe a mencioná-los. Da mesma forma, esta monografia se restringe à compreensão dos critérios envolvidos na escolha de repertório no contexto coral infantojuvenil- que podem indicar a necessidade de formação em um outro aspecto específico de sua atuação do regente coral - sem aprofundar-se nas competências e habilidades necessárias ao educador coral, a que a autora se dedica em sua tese.

Sobressai-se também a perspectiva do regente-educador. Tendo em vista que “em um coro infantojuvenil, acentua-se o caráter educacional inerente ao trabalho artístico-musical.” Gaborim-Moreira (2015, p. 83 e 90) frisa também a impossibilidade de determinar precisamente o momento de passagem de uma fase a outra no desenvolvimento intelectual, psicológico e físico da criança - e dessa forma, a consequente dificuldade em estabelecer a faixa etária ideal que caracterize o coro infantojuvenil (de modo particular, no que diz respeito a determinação de uma idade limite para ingresso ou saída do coro). Costa (2017), nesse mesmo sentido, recorda a adolescência como um *conceito moderno* - que envolve múltiplos indicativos “como função social, preparação para o trabalho, maturidade emocional, etc” (Costa, 2017, p.63) .

Desse modo, a autora apresenta “uma especificação mais abrangente para o trabalho coral com crianças e pré-adolescentes, considerando que esta é uma fase de transição indefinida e relativa” e verifica, em pesquisa-ação realizada no PCIU! (Projeto Coral Infantojuvenil da UFMS), “que o termo “infantojuvenil” incentiva a participação de pré-adolescentes que já estão na fase de abandono ou de rejeição à infância e a tudo o que se liga a esse universo” (Gaborim-Moreira, 2015, p.83).

À concepção do regente como educador, Leck (2020) propõe a seguinte reflexão, relacionando a pertinência da postura do regente com relação à escolha de repertório:

Os regentes devem decidir que tipo de professores eles querem ser. Quais são os objetivos do seu programa? Você quer ensinar só músicas? Você quer ensinar habilidades? Se assim for, você quer segregar isso de seu repertório e o compartimentar em exercícios de leitura à primeira vista, vocalises, teoria musical, etc? Você planeja ensinar tudo por decoreba ou pode dar exemplos? Você vai ditar todas as decisões musicais? Ou, você vai desenvolver o “pensamento musical” ativo através do ensino de contexto contínuo? Talvez você vá desenvolver um currículo de alfabetização musical utilizando o repertório como base para o seu ensino. Você pode usar a música publicada para ensinar sistematicamente, daí satisfazendo as necessidades de um currículo consolidado. Você pode fazer isso com sucesso se você *analisar pedagogicamente cada partitura para localizar os elementos de ensino contidos lá dentro. O repertório, em seguida, torna-se a fonte de conteúdo do currículo.* (Leck, 2020, p.71, grifo nosso)

São todas essas questões inerentes ao processo de escolha de repertório e que vão se desdobrar em critérios de maior relevância quanto ao procedimento que esta pesquisa propõe investigar. Pode-se afirmar que tal processo, mesmo ao envolver majoritariamente aspectos técnico-musicais, continua a atribuir grande significância ao pensamento (psico)pedagógico envolvido nesta atividade. Nos tópicos seguintes, aprofunda-se na concepção de repertório coral e seus respectivos critérios de escolha para coros infantojuvenis.

1.2. Centralidade do Repertório

Na bibliografia analisada para elaboração desta discussão teórica, é recorrente a manifestação da dificuldade presente na busca e seleção de repertório adequado ao coro que se rege, particularmente no contexto infantojuvenil, como podemos observar em Gaborim-Moreira (2015, p.131) e Costa (2017, p.63). Ana Claudia dos Santos da Silva Reis (2019, p.42) atribui substancial importância à seleção de repertório quando afirma que “a escolha de um repertório inadequado pode prejudicar a qualidade vocal e desenvolvimento musical do grupo”.

Costa (2017) reforça este argumento sob outro ponto de vista: atribui uma parcela da responsabilidade do regente quanto à adesão, à permanência ou à evasão dos cantores justamente à investigação do repertório que o coro adotará; recorda também a extensão desta preocupação às mais diversas modalidades corais:

o que se pretende exprimir – seja este objetivo intenção do regente, dos cantores ou da instituição ao qual o grupo pertence – bem como os resultados obtidos, tanto nos ensaios quanto nas apresentações, dar-se-ão justamente através do conjunto de obras adotadas pelo coral. (Costa, 2017, p.53)

Gaborim-Moreira (2015, p.132) salienta: “*abordar a seleção de um repertório representa uma discussão delicada, pois, muito além de ser um conjunto de obras escolhidas para estudo, trata-se de uma peça-chave na própria história de um coro [...]*” Nesse sentido, menciona também a concepção de Igayara (2007, p.2, apud Gaborim-Moreira, 2015, p.132) que aponta o repertório como *elemento central da constituição da identidade do grupo* e destaca o potencial transformador da apreciação, apresentação e experimentação de novos repertórios no contexto da atividade coral. Gaborim-Moreira ainda aponta outros fatores que corroboram para que o repertório se constitua como *elemento desafiador na prática coral*, que aqui destaco:

a escassez de discussões na área; a inexistência de políticas públicas efetivas para a educação musical; a falta de investimento à pesquisa e à capacitação técnico-pedagógica dos regentes; a insuficiência de eventos voltados

especificamente ao coro infantojuvenil (como oficinas, congressos, workshops, simpósios, festivais) e o *atual desinteresse de editoras em publicações dessa natureza. A pesquisa e o estudo do repertório musical de diversas épocas e estilos, bem como a elaboração de arranjos e novas composições, constituem grandes investimentos* (de tempo e de dinheiro); porém esses investimentos, aplicados a ações concretas e efetivas, com certeza, trariam saldos positivos para a área coral como um todo. (Gaborim-Moreira, 2015, p.138, grifo nosso)

De modo geral, pode-se averiguar diversos enfoques na escolha de repertório, a depender dos *agentes de seleção* (regente, cantores, coordenadores do grupo, instituição a que o coro se vincula), levando em conta também objetivo da apresentação (programa de concerto) e o objetivo pedagógico, como menciona Costa (2017), em que nos aprofundaremos um tópico posterior.

1.2.1 Escolha criteriosa

Tendo em vista sua grande pertinência, a escolha do repertório é atribuída, com certa unanimidade, uma demanda significativa de tempo para análise precedente e cuidadosa de peças para constituição do repertório de um coro. Verificamos este posicionamento em Costa (2017, p.138), Gaborim-Moreira (2015, p.134). A partir da pesquisa de Gisele Cruz (Sesc São Paulo, 1997, p.72-73), são descritos os passos de preparo do regente mediante análise musical e textual da peça e, ainda que se refira a um estudo posterior à seleção de repertório, reforça o valor dado à cuidadosa análise da partitura e da obra como aspecto primordial, a que também Costa (2017, p. 59) confere um valor especial quando adota em sua metodologia a “análise de partitura como procedimento técnico usual e seguro para encontrarmos parâmetros musicais”.

Quanto aos meios para busca e seleção de repertório, Costa (2017) evidencia a escassez de material (para avaliação) imposta ao regente brasileiro, quando comparada à situação dos regentes norte-americanos - que possuem à disposição enorme variedade de repertório editado para as mais diversas configurações corais (id, p.113). Isto posto, recorre-se à busca por repertório mediante consulta à colegas ou à internet - nesta pode-se averiguar *diferentes fontes de acesso às obras musicais*: a escuta direta (pelos mais diversos meios), contato com a partitura física ou virtual, “*partitura pode ainda ser fruto de doação (no Brasil, comumente, cópia xerox de publicações*) ou de indicação de colegas, professores, amigos e demais coralistas*” (Costa, 2017, p.59).

Por fim, ainda quanto à disponibilidade de material, a seguinte constatação de Gaborim-Moreira vai ao encontro das afirmações quanto à escassez do mesmo:

existe muito material impresso para coro infantojuvenil, porém, esse material é pouco divulgado, pouco distribuído e não se encontra organizado, como constata uma regente de São Pedro (SP): “repertório adequado em níveis de dificuldade (desde o iniciante até o que já tem experiência) também é um fator importante e no Brasil temos pouca coisa impressa (...) em sequência lógica de aprendizado e de leitura musical” (apêndice, p.542). Há uma tendência dos regentes em executar o que está ao seu fácil alcance ou que já conhece, ou então, escolher um repertório somente com o intuito de agradar ao público, [...] Contudo, é necessário ratificar que a escolha do repertório é a etapa inicial de um processo longo e complexo, sob a responsabilidade do regente, que trará implicações para todo o projeto coral (Gaborim-Moreira, 2015, p.138, grifo nosso).

A pouca divulgação e distribuição dos materiais, aliada à falta de sua categorização, é algo que dificulta o trabalho do regente e que pode ser aprofundado em outras pesquisas e iniciativas, objetivando compreender o contexto e as perspectivas da editoração de partituras corais no Brasil ou mesmo contribuir para tal organização do material já disponível - o que se apresenta como alternativa muito conveniente aos obstáculos encontrados na triagem de repertório para coros infantis, infantojuvenis e juvenis.

1.2.2 Agentes de seleção

Em entrevistas realizadas a regentes brasileiros e norte-americanos por meio de questionário semiestruturado, Costa (2017, p.95) observa que apesar de a maioria dos profissionais ter declarado considerar a vontade dos cantores quanto às possibilidades de repertório, é no geral delegada ao regente a tarefa de escolha do repertório, juntamente do conhecimento técnico-musical necessário à sua realização, particularmente o conhecimento das obras corais e suas características técnicas, a habilidade de compor arranjos, dada grande a incidência de arranjos de música popular brasileira no contexto coral nacional, e estratégias motivacionais e de adequação do repertório ao coro.

Para além do regente, outros sujeitos podem desempenhar este papel de agentes de seleção: os próprios cantores, como já mencionado, quando o coro possui autonomia na escolha do repertório e o regente direciona o trabalho com base em seus conhecimentos específicos; é muito comum também a instituição a que o coro e o regente estão vinculados assumir o papel de agente de seleção principal, particularmente no que diz respeito ao ‘tema’ das peças, “muito pode ser construído a partir dos objetivos da entidade mantenedora do coro, quer sejam de cunho pedagógico, comercial ou religioso” (Costa, 2017, p.57).

1.2.3 Índícios de adequação ou inadequação de escolhas

Costa (2017), no segundo capítulo de sua tese, em que apresenta a análise dos dados obtidos por meio entrevistas com vinte experientes regentes brasileiros e norte-americanos, expõe por último as considerações dos regentes quanto às causas e indícios de adequação ou inadequação de escolha por eles observados. Considerou-se, neste trabalho, pertinente apresentá-las antes dos critérios facilitadores ao regente que a autora propõe com a análise das entrevistas, uma vez que estas informações se correlacionam intimamente com os fatores de relevância a serem considerados pelo regente na escolha de repertório.

As perguntas utilizadas neste contexto foram as seguintes:

1. “Houve alguma vez em que sua seleção de repertório foi muito adequada? O que fez essa escolha de repertório funcionar tão bem?” (Costa, 2017, p.122)
2. “Houve alguma vez em que sua seleção de repertório foi muito inadequada? O que fez esta escolha de repertório não funcionar tão bem?” (Costa, 2017, p.127)

Em resposta à primeira pergunta, foram mencionados de modo significativo as seguintes características: ajuste às características do coro (idade, nível de desenvolvimento musical, configuração, etc.), o gosto e a identificação dos cantores, o gosto do regente, a fruição do processo de preparação da música, o potencial desafiador do repertório, e a maneira de apresentar o repertório (boa comunicação e uso de diferentes estratégias para despertar nos coralistas o interesse por um determinado repertório). A experiência do regente e sua formação profissional também foram apresentadas como fatores importantes na medida em o profissional constrói, ao longo de sua atuação, um repertório de recursos disponíveis para atingir os objetivos desejados e dando-lhe respaldo nas decisões que se impõe a seu trabalho com as crianças e adolescentes. Quanto à segunda pergunta, Costa (2017) fez a seguinte constatação:

“Quase todos os respondentes afirmaram, com naturalidade, terem tido frustrações ou surpresas negativas em relação a peças escolhidas, que apresentaram resultados diferentes do esperado. Alguns, inclusive, sustentaram que os erros continuam a acontecer a cada ano, independentemente da experiência profissional [...] Houve até quem levasse com bom humor” (Costa, 2017, p.127)

A afirmação colocada acima desenreda bem o contínuo processo de adequação por parte do regente às características de seu coro - presente em toda sua trajetória profissional, o que pode muitas vezes implicar no reconhecimento de haver feito uma escolha inadequada. Entre os motivos recorrentes, Costa observa, nas entrevistas, sobretudo a desarmonia entre as intenções do regente e os resultados obtidos e também lacuna entre regente e coro na idealização da peça. Também se pode mencionar o nível de dificuldade dos arranjos (muito

fácil ou muito difícil), excesso na quantidade de peças programadas, tessitura inadequada, a necessidade de dedicação de pesquisa prévia - “o que enfatiza a ideia de que a análise das características do coro será determinante para orientar o profissional na escolha de repertório.” (Costa, 2017, p.131)

As possíveis soluções para esta intercorrência podem ser: a supressão da música do repertório, apresentá-la uma ou duas vezes antes de suprimi-la do repertório, voltar com a peça em outro momento ou adaptá-la para que consigam fazer. Nesse sentido, reforça-se que haja compreensão da possibilidade do erro de avaliação por parte do regente e que é necessária uma comunicação transparente do regente com os coralistas quanto às razões da exclusão de uma música do repertório. Dentro dessa mesma temática, Hawks aponta inadequação do uso de playback (acompanhamento instrumental pré gravado - o que tira também a liberdade do regente e do coro com os recursos expressivos da música.: “Se não sabe tocar piano, cante algo a capella” (Costa, 2017, p.133)

Diante dos dados coletados, Costa assume também uma posição quanto à manutenção do interesse dos cantores como fator primordial na continuidade e estabilidade do coro juvenil (composto por coralistas adolescentes; a relevância dessa denominação já foi esclarecida na introdução deste trabalho) - informa, outrossim, que em sua pesquisa “não foi possível encontrar depoimentos que corroborassem esta relevância. Pelo contrário, vários regentes brasileiros declararam não terem esta preocupação.” (Costa, 2017, p.101).

Acrescenta-se aqui também respostas referentes a uma terceira pergunta, que relacionam-se diretamente com os motivos apresentados para adequação de repertório:

3. “Que aspectos podem indicar que você foi bem-sucedido/a ao selecionar repertório apropriado para coro juvenil?” (Costa, 2017, p.133)

Aqui procura-se possíveis olhares para a avaliação da prática. Costa (2017) destaca três que se aplicam tanto à realidade brasileira quanto norte-americana: *A reação dos cantores*, *A reação da plateia* e *A análise do regente*. Menciona também um quarto aspecto, as avaliações formais (concursos) - que não são comuns em âmbito nacional brasileiro. Pode-se perceber esses indícios no cantor “entusiasmo explicitado em manifestações físicas (brilho no olho, sorriso, aplausos durante o ensaio)” (Costa, 2017, p.133), na apropriação do repertório por parte dos coralistas, na assiduidade dos coralistas, no feedback positivo do ouvinte - perpassando necessariamente pela percepção do regente.

Todos os aspectos apresentados como indícios de adequação ou inadequação de escolha são reforçados de modo particular pelos critérios propostos como facilitadores na escolha do repertório por parte do regente em Costa (2017), e se confirma também em Leck (2020, p.71) - que enfatiza como primordial o conhecimento do grupo que se rege - inclusive recomendando que diante de um grupo novo, seja feita anteriormente a seleção de apenas algumas peças, para somente depois de estar familiarizado com o grupo, escolher o resto do programa.

1.3 Critérios de relevância na escolha de repertório

Na investigação aqui empreendida, pode-se verificar a concordância entre os autores consultados para esta discussão teórica na menção de certos fatores como critérios de relevância na escolha de repertório. Reis (2019) e Sesc São Paulo (1997) referem-se a : adequação à tessitura dos coralistas, linguagem e conteúdo apropriados à faixa etária do grupo e o grau de dificuldade da música: “músicas *tecnicamente acessíveis, mas que proponham desafios*; conjunto de peças que viabilizem o desenvolvimento do grupo.” (Sesc São Paulo, 1997, p. 67, grifo nosso).

Para fins de breve exposição de cada um destes principais fatores, utilizou-se majoritariamente as categorias propostas por Costa (2017) na organização dos dados coletados em pesquisa realizada por meio de questionário semiestruturado: Tessitura das vozes, Configuração coral, Texto e Tema e Diversidade do repertório. Propõe-se neste trabalho mais uma categoria para melhor elucidação de suas particularidades: *perspectivas pedagógicas*.

1.3.1 Tessitura e configuração coral

A atenção à tessitura no coro infantojuvenil, pela abrangência de uma faixa etária de coralistas em pleno processo de amadurecimento, é caracterizada por sua complexidade ao lidar com “*vozes de natureza inconstante*, o que inviabiliza o estabelecimento de parâmetros definitivos.” (Costa, 2017, p.31). Para compreensão dos aspectos técnico-musicais envolvidos, assumimos aqui e seguinte definição de tessitura vocal, em comparação com o âmbito vocal:

O termo âmbito é comumente utilizado para descrever o alcance da voz, do limite grave ao agudo; assim sendo, é adotado nesta pesquisa como similar à expressão extensão vocal. Já a tessitura vocal refere-se à qualidade da emissão e não aos limites de notas entoadas pelo cantor. (Costa, 2017, p.30)

Nesse sentido, Costa (2017, p.36, grifo) reconhece que “esta fase de transição [...] requer atenção diferenciada” particularmente no que diz respeito à muda vocal feminina e masculina, ainda que ocorra de modo mais acentuado quanto a âmbito e timbre nas vozes masculinas. Quanto à muda vocal feminina, Cooksey (1999, p.7, apud Costa 2017, p.34) aponta algumas características, entre as quais se ressalta: aumento de soprosidade, capacidade reduzida ou inconsistente de âmbito vocal e maior esforço na produção da voz cantada.

Quanto à muda nas vozes masculinas, Leck (2020, p.187-8) enfatiza que “é um desafio especial encontrar repertório que interessará a todo o coral e ainda incluir vozes na muda.”. Aponta algumas estratégias necessárias ao trabalho em coros com vozes em muda vocal: priorização de músicas mais simples (como para coro infantil a duas ou três vozes) e adoção de maior flexibilidade em adaptá-las para acomodar as faixas confortáveis para cada cantor, reconhecimento de que os rapazes em muda vocal podem ter de omitir certas notas durante um período de tempo. Sua linha de pensamento enfatiza o acolhimento e direcionamento das vozes que passam por processo de muda vocal (na voz masculina ou feminina).

Leck ressalta também de modo particular a construção da confiança do cantor, priorizando o canto da melodia e músicas que lhe permitam cantar na extensão mais cômoda da voz. Nesta especificidade, estende a concepção da necessidade do conhecimento do grupo à necessidade do conhecimento da voz de cada garoto, sem utilizar rótulos para vozes na muda. Por fim, acrescenta: “Lembre-se de *não excluir a voz aguda do menino*. [...] a maioria dos meninos consegue reter uma boa parte da extensão superior (comumente chamada de falsete). É a experiência do garoto com essa região da voz que o ajudará a treinar a nova voz.” (LECK, 2020, p. 187-8, grifo nosso). Nesse processo, pode-se deparar com concepções sociais com relação aos registros das vozes, o que demanda atenção do regente,

É diante dessas peculiaridades que “As possibilidades de divisão de naipes, a partir da instabilidade das vozes do adolescente, tornam a configuração coral assunto também singular no que tange o coro juvenil” (Costa, 2017, p.82). Reginato (2011, p. 09, apud Costa, 2017, p.42) divide a formação vocal do repertório em duas categorias: para coro infantil e infantojuvenil, vozes iguais; e para coro juvenil, vozes mistas. Em contraposição, tendo em vista as mais variadas características de amadurecimento vocal que se podem encontrar em um coro de crianças e adolescentes, Costa afirma:

um *coro infantojuvenil* [...], pode perfeitamente caber na *configuração de SAB, SAC* ou mesmo SATB*, se seus componentes acima de 12 anos (aproximadamente)

estiverem em muda vocal e já estiverem aptos a cantar, ainda que com limitações técnicas, na região de tenor ou barítono. (Costa, 2017, p.43, grifo nosso)

Nesse sentido, Leck (2020) aprofunda a linha de pensamento com relação à divisão de naipes e inclusão das vozes em muda:

Nos coros de Ensino Médio/ Fundamental, a matrícula rotineira é predominantemente de meninas. Quando você tem um coral com poucos tenores e baixos, não é possível fazer repertório SATB porque não há meninos suficientes. Muitas vezes, os professores do Ensino Médio dirão: "Eu não tenho meninos o suficiente para cantar SATB, então a gente pode cantar em SAB". Esta é provavelmente a pior escolha para esses meninos porque essa escolha funciona contra eles. A parte de barítono é muito grave para tenores, mas muito alta para baixos. Os meninos que se tornarão baixos têm notas baixas e notas altas na pauta, mas podem ter um buraco na sua voz entre as duas pautas variando entre o lá 1 e sol 2. É exatamente aí onde fica o barítono da música SAB. E ainda, se o arranjador tentar acomodar o barítono, transpondo a peça, ela fica muito grave para o garoto que será tenor. [...] Alguns editores tentam acomodar a muda da voz dos garotos incluindo uma voz com cambiata de maneira que uma peça possa ser SACB. A música criada para acomodar uma cambiata geralmente não é muito musical nem gratificante e é um tanto artificial. (LECK, 2020, p. 187-8).

É dessa forma que se estabelecem as singularidades dos coros de adolescentes (dado que o coro infantojuvenil pode incluir crianças, pré-adolescentes e adolescentes), inclusive com a inclusão da *cambiata* (voz em muda) - que contrasta com o coro infantil, constituído por vozes iguais “que dão conta de literatura escrita para vozes agudas (*treble voices*), divididas entre uníssono, duas, três, quatro vozes ou mais, de acordo com o desenvolvimento musical do grupo” (Costa, 2017, p.81) e com o coro adulto, em que as vozes “se dividem, basicamente, em vozes femininas e masculinas” (Costa, 2017, p.81).

Com relação à tessitura, consideramos relevante nesta monografia a proposição de Costa (2017, p.40-41), com base em sua prática e com base nos dados coletados em pesquisa - de uma tessitura aproximada que abarca sobretudo as características vocais de cantores iniciantes e medianos - que são a maioria no contexto brasileiro. A autora esclarece:

tais limites de tessitura dizem respeito a notas que tenham predominância no trecho musical, não sendo consideradas notas de passagens ou eventuais bordaduras (cujo âmbito pode estar inserido no estudo de extensão). Além disso, prosódia, ritmo, saltos intervalares, timbres e sustentações podem modificar o grau de dificuldade de realização de determinada nota, devendo o trecho ser analisado caso a caso [...] cantores [...] de maior experiência apresentam expansão do alcance das vozes e/ou adquiriram competência para realizar frequências mais extremadas e saltos intervalares com grau de dificuldade elevado, justamente pela prática prévia do canto, o que os coloca – de fato – em tessitura próxima à designada para coros adultos, embora guardem aspectos timbrísticos correspondentes à idade que apresentam. (Costa, 2017, p.40-41, grifo nosso)

CATEGORIA	FAIXA ETÁRIA	CONFIGURAÇÃO VOCAL	NAIPE	TESSITURA	
				LIMITE GRAVE	LIMITE AGUDO
CORO INFANTO JUVENIL	Entre 10 e 14 anos	Vozes iguais e/ou mistas SABr	S	Mi 3	Fá 4
			A	Dó 3	Ré 4
			B	Mi 2	Fá 3
CORO JUVENIL	Entre 14 e 18 anos	Vozes mistas SATB	S	Re 3	Fá 4
			A	Lá 2	Dó 4
			T	Ré 2	Mi 3
			B	Si 1	Dó 3

Tab. 1: Proposta de delimitação de tessitura para coros de adolescentes - faixa etária de 10 a 18 anos (Costa, 2017, p.40)

A autora, com relação à voz do Barítono no coro infantojuvenil, recorda não ser seguro “estabelecer um padrão para vozes masculinas em plena mudança” (Costa, 2017, p.40), mas indica no quadro acima um âmbito que considera aceitável de produção vocal, que adapta-se de modo orgânico às condições momentâneas das vozes ou do naipe.

1.3.2 Texto e tema

A escolha de repertório temático envolve não somente a adequação técnica das peças (quanto a texto e prosódia), mas confere ao regente a necessidade de uma compreensão mais minuciosa quanto à identidade, ao momento do grupo, ao potencial de seu coro e aos objetivos pretendidos de modo a guiar suas escolhas.

Costa (2017) identifica nas entrevistas uma “preocupação do regente-educador pelos valores passados via atividade musical.[...] por este viés, Leck, seguido por Schimiti, demonstra precaução com a formação do caráter de seus alunos e de como os temas abordados no texto podem influenciar o seu comportamento.” (Costa, 2017, p.85) A atenção com relação ao tema da peça se manifesta também no cuidado em garantir a identificação do adolescente com aquilo que canta.

Além dos valores, Costa observa também, no discurso dos regentes, sua função na ampliação do vocabulário de seus cantores, em promover contrastes de realidade e ampliação do repertório pela prática coral, mas de modo particular evidencia a necessidade de adequação do texto à faixa etária dos cantores adolescentes, que nesta fase de transição demandam não ser mais reconhecidos como crianças. Gaborim-Moreira manifesta preocupação semelhante, de adequação do conteúdo temático das peças à maturidade dos cantores:

Além da atenção aos aspectos socioculturais envolvidos, essa seleção necessariamente precisa levar em conta os aspectos psicopedagógicos inerentes à atividade coral [...] Isso implica na *opção por peças adequadas ao desenvolvimento intelectual e psicológico da criança, bem como uma temática adequada ao universo infantil*. Mas isso não significa subestimar o potencial musical que pode ser expresso pelas crianças, ou limitar suas capacidades enquanto intérpretes (Gaborim-Moreira, 2015, p.133, grifo nosso).

Maria José Chevitarese (2007), em sua pesquisa de campo, atribui particular destaque às letras das músicas adotadas no repertório de coral, utilizando-as como tema gerador de debates no trabalho com as crianças das comunidades *Cantagalo e Pavão-Pavãozinho*:

Os “temas geradores” ou “situações problema” focaram as relações sociais, violência x paz, relações interpessoais e possibilidades de transformação pelas nossas ações individuais ou coletivas. Eles foram trabalhados a partir de canções cuidadosamente escolhidas, que abordavam ou faziam menção a essas questões. Procurou-se também trabalhar aspectos como a auto-estima, a solidariedade, cidadania, responsabilidade social, família, e preservação e aumento dos laços de afetividade entre as pessoas. (Chevitarese, 2007, p.85)

O principal critério utilizado por Chevitarese (2007) na escolha de repertório em sua pesquisa de campo foi a ampliação do universo cultural das crianças, mas concomitantemente “Optou-se por peças que trouxessem elementos que se relacionassem com a realidade do grupo ou que pudessem auxiliar na compreensão da realidade na qual se encontram inseridos” (Chevitarese, 2007, p.85). Dessa maneira, reforça o potencial transformador implícito nas escolhas repertoriais, e que já foi mencionado em capítulo anterior (vide tópico 1.2.). Quanto ao texto na língua nacional e de fácil compreensão, elucida:

o cantor adolescente que vem experimentar o canto coletivo, a *imediata compreensão ou identificação do texto a ser cantado torna-se fator de envolvimento*, podendo facilitar sua participação no coro. Portanto, esta *atenção ao tema das peças populares escolhidas* se justifica, sobretudo, quando lidamos com *grupos ou indivíduos iniciantes* na atividade pois, o *repertório coral tradicional apresenta nuances e sutilezas nem sempre perceptíveis* para esta nova clientela (Costa, 2017, p.109, grifo nosso)

Dentro da mesma discussão sobre a temática do repertório na sua seleção, Costa (2017) menciona também a possibilidade da construção de um repertório temático - por meio de assunto pré-determinado ou descoberto via processo de escolha repertorial - mas difere o concerto temático da simples escolha da obra de um compositor. Menciona também a perspectiva de Leck - que observa também no público uma tendência de comprar ingressos para ver concertos com programas que os intrigam e nesse sentido o conteúdo temático se faz muito relevante e dentro desta perspectiva chama atenção para um ponto quanto à motivação do coralista:

ao definir um tema, todo e qualquer repertório será justificado por este. Assim sendo, os novos cantores percebem a necessidade e a pertinência de se envolverem com músicas que porventura até então desconhecem, ou mesmo que não estivessem em sua seleção de gosto (Costa, 2017, p.114)

Adiante, seguem algumas considerações quanto à diversidade do repertório e que vão ao encontro com o que fora refletido neste tópico dado que a escolha de uma ou outra temática e a opção por determinados textos necessariamente incorre nos diferentes estilos e gêneros de música coral.

1.3.2 Diversidade de repertório

É acordo, entre as referências consultadas, a orientação quanto à busca pela variedade de repertório. Sesc São Paulo (1997, p.69) realça: “A criança pode, a princípio, cantar tudo. Mas a atividade coral deve buscar aquilo que dificilmente será vivenciado por ela em outro lugar”. Também Reis (2019) menciona seu papel em proporcionar aos cantores desenvolvimento musical e experiência com diversos gêneros e estilos musicais, Costa (2017, p.90) reforça a “responsabilidade do regente em relação à ampliação de repertório”, incluindo novas culturas e idiomas. Vertamatti (2008, p.199, apud Costa, 2017, p. 76, grifo nosso) afirma a necessidade de fornecimento de experiências que favoreçam a compreensão do repertório musical *do século passado e do século presente*.

O repertório para coro infantojuvenil pode ser composto por: folclore nacional e de outros países, música popular brasileira, repertório composto e editado para coro infantil (por autores brasileiros e estrangeiros), material adaptado de obras corais para coro adulto ou infantil (de modo a incluir as vozes dos adolescentes), repertório e/ou arranjos escritos especificamente para esta formação coral - que podem ser realizados com ou sem acompanhamento instrumental. Nesse sentido, a escrita de arranjos corais é colocada como uma solução às dificuldades de ajuste do repertório às características vocais variáveis dos adolescentes, e vem se configurando como tendência no Brasil, como modo de aproximação do gosto e das capacidades dos coros. Na realidade nacional, observa-se a questão da atração à atividade coral pela familiaridade com as músicas do repertório. (Costa, 2007; Reis, 2019; Sesc São Paulo, 1997).

Gaborim-Moreira (2015, p.137) ressalta que qualquer regente compromissado com sua formação musical e do coro pode almejar o repertório erudito na medida em que pode-se encontrar ampla gama de peças simples, em forma de cânone, a duas ou três vozes que podem

ser realizadas por este perfil de coro ou até mesmo compostas para essa formação. Indica também as possíveis fontes para busca desse repertório:

na Internet: em *sites internacionais* onde as partituras podem ser baixadas gratuitamente, como o *IMSLP* e o *CPDL*; na *página da Funarte* (Fundação Nacional de Arte) que disponibiliza composições e arranjos gratuitos escritos especificamente para coro infantojuvenil; em *bibliotecas de Música de universidades*, sendo possível a consulta ao acervo on-line; em *lojas internacionais*, onde se pode adquirir materiais em outros idiomas [...] Além disso, hoje temos a facilidade de *contatar arranjadores e compositores pelas redes sociais da Internet ou nos sites dos mesmos* (Gaborim-Moreira, 2015, p.137, grifo nosso)

Apontando a uma reflexão crítica quanto ao olhar sobre a diversidade de repertório e adequação ao gosto do cantor e/ou do regente, Costa (2017, p. 97-98) atenta para o “risco do jovem cantor se confinar musicalmente a algo que não amplie seus horizontes” e afirma a importância do diálogo entre os universos musicais do regente e do cantor, de modo que possam enriquecer-se mutuamente. Nesse mesmo sentido, Leck (2020, p.71) acrescenta também outro fator a essa escolha: *se o regente a ama*, na medida em que “é mais difícil ensinar bem uma coisa de que você não gosta. *Um desafio contínuo é encontrar música pela qual você está se apaixonando para compartilhar com os seus*” (Leck, 2020, p.73, grifo nosso)

Considerando ainda a multiplicidade de valores embutidos nos indivíduos, Costa (2017, p.97) elucida outro olhar sobre a escolha de repertório, por meio de uma compreensão que ultrapassa o pensamento técnico, indo ao encontro de um viés educacional presente nos repertórios. Sendo necessário, nesta prática, desvelar cuidado especial com relação à crença dos cantores, particularmente em algumas realidades - cabendo ao regente a tomada de postura quanto a “convencer todos os participantes sobre os benefícios de uma determinada peça em detrimento de sua postura religiosa, ou descartar aquele material e seguir adiante com alternativas que abarquem os propósitos objetivados anteriormente.” (Costa, 2017, p.98)

1.3.3 Perspectiva pedagógica

O ensino de habilidades no contexto do repertório (Leck, 2020, p.75), aliado à compreensão de que “cada peça deve trabalhar um ou mais aspectos da técnica vocal ou da linguagem musical de maneira que sejam encontrados no repertório todos os elementos para um desenvolvimento global” (Sesc São Paulo, 1997, p.70), leva-nos ao questionamento de como deveriam ser apresentados tais elementos musicais e vocais presentes no repertório de

modo a estabelecer uma sequência didática, do mais simples para o mais complexo, que oriente o trabalho do regente e torne mais fluido o processo de aprendizagem dos coralistas.

Vale ressaltar que, com a inclusão deste último tópico, não há aqui pretensão alguma de esgotamento quanto a uma abordagem sistemática e pedagógica de conteúdos musicais por nível de dificuldade no repertório coral - dado que é uma investigação muito ampla, repleta de variáveis, apontando para um tema a ser explorado em futuras pesquisas. Nesta monografia nos restringimos a mencionar alguns aspectos envolvidos na consideração de uma sequência que favoreça uma aprendizagem mais orgânica e gradual.

Em primeiro lugar, observa-se certa tendência em considerar a performance como objetivo final no delineamento de um processo pedagógico que contemple estratégias e pontos de ensino. Neste processo, pode-se verificar uma preocupação com os limites da acomodação, do desafio e da frustração no aprendizado, que se reflete, por exemplo, na orientação de evitar escolher repertório com muitas peças num mesmo nível de dificuldade. Gaborim-Moreira (2015, p.92) reforça também a importância de uma abordagem lúdica do processo, associando (seguramente) um bom processo pedagógico a um bom resultado musical. Além disso, observa-se a concepção do desafio como necessário à natureza humana e ao crescimento do coralista, juntamente da compreensão de que o prazer no aprendizado do fazer musical seja um critério importante na condução de grupos iniciantes, pois é elemento relevante à motivação dos coralistas e em garantir sua assiduidade e permanência na atividade coral. (Costa, 2017; Sesc São Paulo, 1997)

Goetze, Broeker e Boshkoff (2011, p.15 apud Gaborim-Moreira, 2015, p.134, grifo nosso) indicam também *forma musical* e *edição da partitura* como critérios de seleção de repertório - quanto à complexidade da forma da peça em questão e à acessibilidade e inteligibilidade da edição que é disponibilizada ao coro. Aqui compreende-se que a complexidade da forma musical e as características editoriais de uma partitura podem ser fatores importantes na perspectiva de um trabalho que considere a dimensão pedagógica.

No que diz respeito a uma graduação de dificuldade no repertório, um aspecto central é o canto em uníssono ou em polifonia (2 ou mais vozes). Quanto a este ponto, ao mesmo tempo em que Sesc São Paulo (1997) apresenta a perspectiva de não haver necessidade de apressar o início do canto a várias vozes - tendo em vista que um bom uníssono demanda tempo para ser construído e possui grande relevância no desenvolvimento musical do coro - Gaborim-Moreira (2015, p.136) constata que a migração do canto em uníssono para a polifonia é a principal dificuldade para muitos regentes.

A pesquisadora entende que a predominância da prática em uníssono se dá pelos seguintes motivos: o nível inicial do coro ou a rotatividade dos coralistas, o sentimento de incapacidade do regente para trabalhar com músicas polifônicas, tempo de ensaio insuficiente, a grande demanda de tempo que implica a elaboração de arranjos e busca de diferentes repertórios, ausência de um “instrumentista acompanhador que possa apoiar o aprendizado da obra; o ensino baseado na imitação, sem leitura de partituras; dentre outras razões” (Gaborim-Moreira, 2015, p.136). Nesse sentido, aponta o aprendizado da leitura como uma solução “para que o canto em uníssono evolua gradualmente para arranjos e composições a várias vozes.” (Gaborim-Moreira, 2015, p.136).

Dentro dessa perspectiva, o modo de introdução ao canto polifônico é um aspecto a ser aprofundado, mas que não cabe no escopo desta pesquisa. Quanto a uma possível ordem de apresentação de determinados repertórios (e que vai influenciar no desenvolvimento do canto a várias vozes), podemos mencionar tabela fornecida por Leck (2020), que propõe o repertório de acordo com o nível de desenvolvimento musical do coro e pode ser muito útil ao direcionamento desta seleção repertorial baseada em concepção pedagógico-musical. Ao quadro, o regente norte-americano acrescenta a seguinte orientação: “escolha entre as opções sugeridas para estes níveis de desenvolvimento. Critérios introduzidos em níveis iniciais podem ser considerados para níveis avançados.” (Leck, 2020, p.73)

REPERTÓRIO ADEQUADO A IDADE E HABILIDADE					
Preparatório	Coro infantil iniciante	Coro Infantil Intermediário Inferior	Coro Infantil Intermediário Superior	Coro infantil Pré-Avançado	Coro-Infantil Avançado
Uníssono Canções folclóricas	Uníssono, Ostinatos a duas vozes, descantos, pedais, uma língua estrangeira por semestre, Britten, Copland, Mozart.	2 e 3 vozes Cânones Quodlibets (canções parceiras), Harmonia homofônica, Duas línguas estrangeiras por semestre, Canções artísticas, Kodály, Bach, Mozart	3 vozes, Todas as técnicas harmônicas, Todos os estilos e gêneros, Canções folclóricas multiculturais, Latim, Alemão, Espanhol, Italiano, outras línguas, Bernstein, Vaughn, Williams, Mozart, Gabrielli	4 vozes, multi-étnicos, Principais compositores, Vivaldi, Purcell, Fauré.	4 vozes, vanguarda, Obras primas

Tab. 2 - Repertório adequado a idade e habilidade por Leck/Dwyer (Leck, 2020)

Observa-se que sua divisão de repertório está inserida no contexto norte-americano (cultural e linguístico) - de modo que a sugestão de compositores e línguas estrangeiras é influenciada por este quesito. Isso não exclui sua pertinência quanto à ordem e adequação do repertório. No entanto, é importante reforçar este aspecto na medida em que na sociedade brasileira, existirão outras particularidades na lida com línguas estrangeiras, aqui incluso o inglês. Como já mencionado neste tópico, pode haver outras dificuldades em particular que podem ser analisadas com base na mesma premissa de Leck (2020): o conhecimento do grupo e das vozes é o norte de todas as decisões do regente.

Em relação ao aspecto linguístico, Costa (2017) expõe como a dificuldade com a língua pode se colocar como obstáculo dificultador do processo de aprendizado de um novo repertório, particularmente em grupos iniciantes. Infere, outrossim, que “o *treinamento constante*, e desde a mais tenra idade, possa resultar em cantores adolescentes e jovens com mais curiosidade, receptividade e *menos receio para encarar desafios desta ordem*” (Costa, 2017, p.93, grifo nosso).

Gaborim-Moreira (2015) também escreve a respeito dessa dificuldade, por meio de orientações ao regente:

Peças curtas em outros idiomas, que sejam melodicamente simples, também são indicadas às condições técnico-vocais de um coro iniciante, porque trazem um elemento desafiador (o idioma) que pode motivar os coralistas no processo de aprendizagem [...] Porém, na trajetória de um coro, chega um momento em que o repertório precisa ser aperfeiçoado tecnicamente, e o regente precisa lançar novos desafios que tragam outros elementos musicais mais elaborados – como divises, ostinatos, improvisos, perguntas e respostas e, finalmente, a adição de outras vozes em homofonia ou polifonia. (Gaborim- Moreira, 2015, p.134-135)

A autora propõe aos coros iniciantes de modo geral o seguinte indicação de repertório: “*peças simples* que contribuem para o desenvolvimento das bases da técnica vocal, da qualidade sonora e da afinação do grupo, e, aos poucos, a compreensão musical” para posteriormente avançar aos elementos musicais mais elaborados mencionados acima. Nessa mesma direção, a regente mineira Vivian Carvalho (2007, p.36 apud Gaborim-Moreira, 2015, p. 136), indica o critério de *graduação dos desafios*: do “uníssono a cânones e arranjos com a segunda voz em contracantos”.

Identificamos certa concordância nas prescrições acima indicadas: o uníssono em melodias de contorno simples, seguido da adição de uma segunda voz em descantes, ostinatos e pedais, para depois introduzir o canto homofônico a mais de uma voz, só então são incluídas obras musicais de maior complexidade. A introdução a línguas estrangeiras deve ser feita de modo gradual também, tendo em conta o desenvolvimento musical dos alunos - no início são

privilegiadas melodias simples quando a língua estrangeira se configura como um novo desafio ao coro.

1.4 Considerações

Através da discussão teórica empreendida neste capítulo buscou-se apresentar os principais fatores e critérios envolvidos na escolha de repertório para coro infantojuvenil, tomando por principais os seguintes enfoques: postura do regente-educador desse perfil de coro, particularidades do estudo de repertório coral, caracterização do grupo infantojuvenil, tessitura e configuração coral, texto e tema, diversidade de repertório e abordagem didática.

Tais enfoques direcionam o regente na realização do processo que se propõe investigar nesta monografia e passam a nortear as escolhas metodológicas da revisão integrativa que será apresentada nos próximos capítulos.

“A música, e a arte em geral, podem servir de meio privilegiado para de encontro bem como de conhecimento e estima recíprocos entre as populações e culturas distintas; um meio ao alcance de todos para valorizar a linguagem universal da arte.”

CAPÍTULO 2:

REVISÃO INTEGRATIVA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS

2.1. Procedimentos metodológicos e materiais utilizados

Para atingir os objetivos de pesquisa, propõe-se realizar uma análise integrativa, cujos procedimentos metodológicos se baseiam em: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa, conforme consta em Souza, Silva e Carvalho (2010). A escolha desta metodologia de revisão integrativa se deu justamente por seu caráter de assistência à prática na medida em que “sintetiza as pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direciona a prática fundamentando-se em conhecimento científico” (Souza, Silva e Carvalho, 2010, p.1).

A questão norteadora para o estudo é: "Quais os critérios envolvidos na escolha de repertório para coro infantojuvenil?". Dessa forma, a pesquisa teve início com a seleção dos seguintes descritores: (Coro infantil) e (Coro infantojuvenil); que foram utilizados (separadamente) em buscas nos seguintes portais de periódicos brasileiros: *Capes Periódicos*, *Claves*, *Debates*, *Ictus*, *Música em foco*, *Música em Perspectiva*, *Música Popular em Revista*, *Musimid*, *Opus*, *Per Musi*, *Revista Brasileira de Música*, *Revista da ABEM*, *Revista do Conservatório de Música (online)*, *Revista em Pauta*, *Revista Música*, *Revista Música em Contexto*.

Maia Rúbia de Moraes Andreta (2023), em sua dissertação de mestrado, tendo realizado uma revisão integrativa na área de música, afirma:

Notou-se que os periódicos sobre música no Brasil não estão indexados às mesmas bases de dados, não havendo uma base de dados específica para periódicos sobre música. Por isso, o levantamento foi feito manualmente, na página de cada revista, a partir dos recursos de busca disponíveis. (Andreta, 2023, p.24)

Da mesma forma, fizemos o levantamento por meio da página de cada periódico mencionado acima, além do portal da *Capes Periódicos*. Seguimos com a eliminação das duplicatas e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão na listagem de artigos resultante das pesquisas individuais em cada revista. A saber, foram determinados como critérios de inclusão: 1) abordar aspectos relacionados diretamente à prática coro infantojuvenil; 2) ter

sido publicado a partir de 2013; 3) artigos publicados em português; 4) artigos publicados no Brasil. 5) ter o texto completo disponível; Portanto, foram excluídos artigos: 1) que abordavam a prática coral, mas sem menção à faixa etária contemplada pelo coro infantojuvenil; 2) publicados antes de 2013; 3) publicados em outras línguas; 4) publicados em outros idiomas ou referentes a pesquisas realizadas em outros países; 5) sem o texto disponível na íntegra;

Também como em Andreta (2023, p.25), “a partir dos resultados de busca de cada descritor, foi feita uma primeira análise da pertinência do artigo para os objetivos desta pesquisa, a partir da leitura de título e resumo, e quando necessário, leitura dinâmica do texto”. Com base nos critérios de inclusão e exclusão, foram listados todos os artigos que abordassem a regência e a prática coral infantil e/ou infantojuvenil, com especial atenção aos fatores de relevância na escolha de repertório levantados em revisão narrativa anterior (e que foram expostos no primeiro capítulo deste trabalho) - foram estes os artigos analisados por completo.

Conforme se observa na Figura 1 a seguir, foram realizadas as fases de identificação - na qual foram localizados inicialmente 30 textos. Após isso, foram então realizadas as etapas de triagem, elegibilidade e inclusão da revisão integrativa, restando, ao final de todas as etapas, o total de 9 textos que, de fato, respondem à pergunta de pesquisa e, com isso, procedeu-se à síntese qualitativa deste trabalho, cujos resultados discutimos na próxima seção. As buscas foram realizadas entre 29 de setembro de 2023 e 18 de outubro de 2023, assim publicações posteriores não estão incluídas nos resultados.

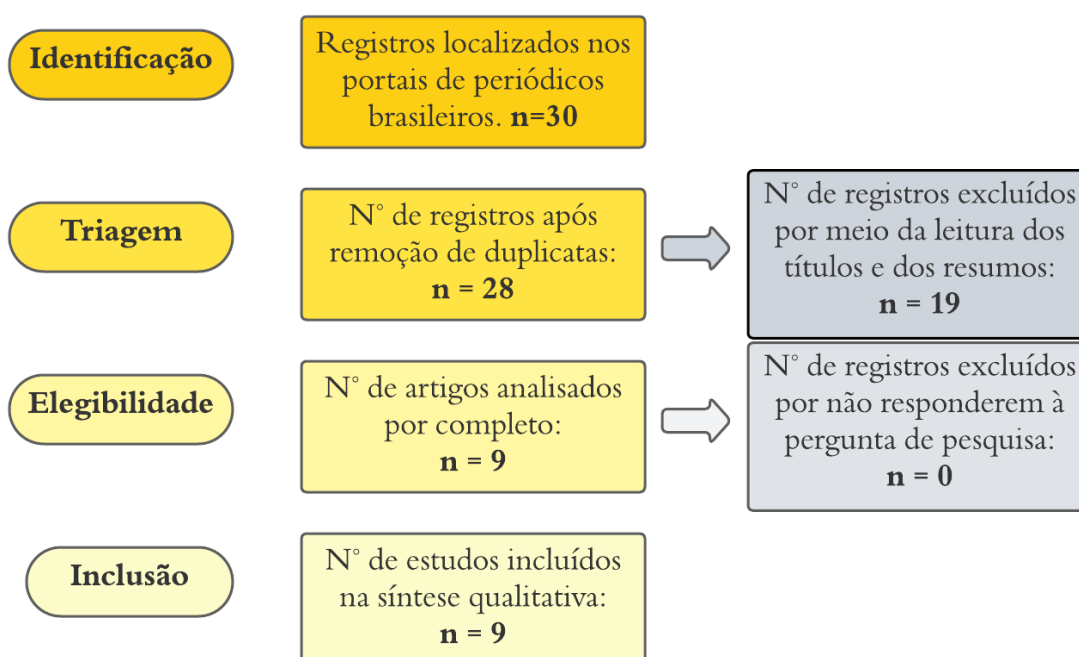


Fig. 1 Fluxograma do processo de inclusão dos estudos. Elaboração própria, Britto-Costa (2023).

Os resultados obtidos reforçam a escassez de literatura acadêmica na área coral, como já constatado no capítulo anterior, a que se atribui justificativa na “falta de costume de registro da atividade coral e da pouca importância dada, de maneira geral, ao planejamento da atividade musical” (FIGUEIREDO, 1990, p. 20, apud Andrade; Paz; Pereira, 2023, p.7) - pondera-se que a maior parte dos profissionais da área volta-se mais à esfera prática, sendo assim, muito do que é desenvolvido não chega a ser publicado (Andrade; Paz; Pereira, 2023).

No levantamento com os descritores estabelecidos, foi constatada a ausência de registros nos seguintes periódicos: *Claves*, *Debates UNIRIO*, *Ictus*, *Música em foco*, *Música em perspectiva*, *Música popular em revista*, *MusiMid*, *Per Musi*, *Revista do Conservatório de Música (Online)*, *Revista em Pauta* e *Revista Música em Contexto*.

Periódicos:	Revista da ABEM	
Palavra Chave	# artigos levantados	# artigos selecionados
(Coro infantojuvenil)	0	0
(Coro infantil)	4	3
Periódicos:	Revista Brasileira de Música	
Palavra Chave	# artigos levantados	# artigos selecionados
(Coro infantojuvenil)	0	0
(Coro infantil)	2	1
Periódicos:	Revista Música	
Palavra Chave	# artigos levantados	# artigos selecionados
(Coro infantojuvenil)	1	1
(Coro infantil)	0	0
Periódicos:	CAPES periódicos	
Palavra Chave	# artigos levantados	# artigos selecionados
(Coro infantojuvenil)	5	3
(Coro infantil)	13	1
Periódicos:	Revista Opus	
Palavra Chave	# artigos levantados	# artigos selecionados
(Coro infantojuvenil)	0	0
(Coro infantil)	5	0

Tab. 3 - Levantamento com os descritores (Coro infantil) e Coro infantojuvenil.

Vale mencionar que mesmo diante da falta de costume no registro da atividade coral, na realidade da área, os registros são mais frequentes na literatura cinzenta - que não foi o escopo escolhido para esta revisão integrativa. Define-se literatura cinzenta por:

Teses e dissertações, anais de conferências, boletins informativos, relatórios, documentos governamentais e parlamentares, comunicações informais, traduções, dados de censo, relatórios de pesquisa, relatórios técnicos, padrões, patentes, vídeos, ensaios clínicos e diretrizes práticas, eprints, preprints, artigos wiki, e-mails, blogs, arquivos de dados de pesquisa e dados científicos, levantamentos geológicos e geofísicos, mapas, conteúdo de repositórios. (Dudziak, 2021)

A análise integrativa e/ou sistemática da literatura cinzenta, particularmente de anais de congresso sobre educação musical - tal como em Andrade, Paz e Pereira 2023 - é um caminho possível para pesquisas posteriores, dada a escassez também de revisões de literatura sobre essa temática, como constata as mesmas autoras. Ressalta-se que, no delineamento metodológico da revisão integrativa, neste trabalho não se pretende realizar uma análise metodológica dos artigos, mas discutir os conceitos que eles apresentam para resolução do problema prático de pesquisa (a escolha de repertório para coros infantojuvenis). A discussão dos resultados será organizada em tópicos, com base nos critérios observados na discussão teórica.

2.2. Resultados obtidos

Conforme discutido anteriormente, foram selecionados 9 textos para a inclusão na presente revisão integrativa, os quais listamos no quadro 1 a seguir (em ordem cronológica de publicação):

Texto	Ano	Autor(es)	Título	Periódico
1	2014	Rosa, Milka Botaro; Prestes, Raquel; Margall, Soraya Abbes Clapes.	<i>Caracterização dos aspectos vocais de um coro infantojuvenil</i>	<i>CAPEs Periódicos</i>
2	2017	Magre, Fernando de Oliveira	<i>A inserção da música contemporânea no repertório de coros infantojuvenis – Descrição de uma metodologia</i>	<i>CAPEs Periódicos</i>
3	2017	Pereira, R. A.; Chevitarese, M. J.	<i>A preparação vocal no trabalho da construção da sonoridade do coro infantil</i>	<i>Revista Brasileira de Música</i>

Tab. 4 Textos incluídos (artigos de nº 1 a 3). Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

Texto	Ano	Autor(es)	Título	Periódico
4	2018	Egg, Marisleusa de Souza; Gaborim-Moreira, Ana Lúcia Iara.	<i>Cantando na escola: caminhos e possibilidades para a educação vocal</i>	<i>CAPES Periódicos</i>
5	2018	Fragoso, Daisy.	<i>Entre a tekoa e a sala de música: arranjos entre crianças não indígenas e guarani Mbya</i>	<i>Revista da ABEM</i>
6	2019	Fragoso, Daisy.	<i>Arranjo para coro infantil: alguns recortes e ferramentas</i>	<i>Revista da ABEM</i>
7	2020	Brito, Dhemy Fernando Vieira; Beineke, Viviane.	<i>Ideias de música no coro infantil: por que e para quem as crianças cantam?</i>	<i>Revista da ABEM</i>
8	2021	Kashima, Rafael	<i>Conteúdos de ensino para o coral infantil: a experiência do Laboratório de Regência Coral Infantil (LARCI)</i>	<i>CAPES Periódicos</i>
9	2023	Andrade, Paz e Pereira	<i>Canta, canta, minha gente: uma revisão de literatura sobre o coro infantojuvenil nos anais dos Congressos Nacionais da ABEM - 2023</i>	<i>Revista Música USP</i>

Tab. 5 Textos incluídos (artigos de nº4 a 9). Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

	Título	Objetivos	Método	Resultados
1	<i>Caracterização dos aspectos vocais de um coro infantojuvenil</i>	"Caracterizar os aspectos de saúde vocal, o conhecimento dos coristas quanto aos cuidados com a própria voz, e realizar uma análise percepto auditiva da voz falada, em um coro infanto juvenil." (Rosa, Prestes e Margall, 2014, p.1606)	Questionário dirigido aos pais, questionário dirigido aos coristas e triagem vocal.	"No questionário aplicado aos pais, foi observado que 40% dos coristas apresentaram algum tipo de alergia. Quanto ao questionário respondido pelos coristas, 65% não souberam dizer como a voz é produzida; 100% realizavam aquecimento vocal; 80% não possuíam cuidados com a voz; 35% apresentaram queixa vocal. Na triagem vocal, verificou-se 35% de coristas com voz rouca e sopro e 5% áspera; o pitch predominantemente agudo (55%); a articulação e a ressonância equilibradas; o tipo respiratório predominante foi o médio (65%); o modo respiratório misto (45%); a coordenação pneumofonoarticulatória presente em 90%; o tempo máximo fonatório aumentado em 65%; e o coeficiente s/z mostrou-se adequado em 65%." (Rosa, Prestes e Margall, 2014, p.1606)

Tab. 6 Objetivos, método e resultados do artigo de número 1. Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

	Título	Objetivos	Método	Resultados
2	<i>A inserção da música contemporânea no repertório de coros infantojuvenis – Descrição de uma metodologia</i>	Investigar a inserção de repertório de música contemporânea em coros infantojuvenis e possíveis metodologias de apresentação desse tipo de repertório.	Revisão narrativa de literatura e relato de experiência	Apresentação de "levantamento bibliográfico que discute a importância educacional e estética de se inserir a música contemporânea no repertório de coros infantojuvenis" e "descrição da metodologia utilizada na montagem da obra Beba Coca Cola de Gilberto Mendes com o Coro Juvenil da Universidade Estadual de Londrina" (Magre, 2017,p.1)
3	<i>A preparação vocal no trabalho da construção da sonoridade do coro infantil</i>	Estudo da técnica vocal aplicada a estes coros e sua importância na construção da sonoridade.	Revisão narrativa de literatura	Exposição de pontos essenciais à preparação vocal no ensaio de coro infanto juvenil, para que seja mais assertivo e proporcione benefícios ao trato vocal do coralista e à sonoridade do grupo.
4	<i>Cantando na escola: caminhos e possibilidades para a educação vocal</i>	Investigar o estado da arte no campo das práticas vocais escolares.	Revisão narrativa dos trabalhos de pesquisa acadêmica das autoras	Apresentação de "alguns caminhos e possibilidades para o trabalho docente, no sentido de auxiliar o professor a compreender a sua própria voz e de saber conduzir as vozes das crianças de modo saudável, apropriado e eficiente." (Egg, Gaborim-Moreira, 2018, p.36)
5	<i>Entre a tekoa e a sala de música: arranjos entre crianças não indígenas e guarani Mbya</i>	Compreender "como a inclusão de canções de diferentes culturas no repertório pode contribuir para o respeito às diferenças e para o exercício da tolerância," (Fragoso, 2018, p.8)	"A pesquisa, de caráter qualitativo, etnográfico e etnomusicológico, valeu-se de diversas ferramentas metodológicas, tais como entrevistas abertas e semiestruturadas, grupos focais, art-based research, observação participativa, a depender do grupo e da situação." (Fragoso, 2018, p.10)	Confirmação de três previsões, por parte das crianças: "a de que as músicas guarani que as crianças não indígenas aprendessem ecoariam até alcançar a outros; que a cultura guarani, bem como o povo ao qual essa cultura se refere, seriam divulgados, isto é, por meio da aprendizagem das canções que a compunham, tanto a cultura guarani como o povo guarani seriam conhecidos; e a redução do preconceito em relação a sua cultura e a seu povo." (Fragoso, 2018, p.13)
6	<i>Arranjo para coro infantil: alguns recortes e ferramentas</i>	Investigar algumas ferramentas que possam ajudar na tarefa de escrever para coro infantil	Revisão narrativa de literatura	Apresentação de ferramentas para criação de arranjos e exemplos de escrita polifônica aplicados ao desenvolvimento musical dos coralistas

Tab.7 Objetivos, métodos e resultados dos artigos de número 2 a 6. Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

	Título	Objetivos	Método	Resultados
7	<i>Ideias de música no coro infantil: por que e para quem as crianças cantam?</i>	“compreender de que maneira elas se relacionam com a música e como elaboram e compartilham suas ideias de música, no contexto de um coro infantil.”(Brito e Beineke, 2020, p.328)	Organização e análise de dados obtidos por meio de observação e registro em áudio e vídeo dos ensaios do grupo; produção de registro pelas crianças em cadernos individuais; e rodas de conversa.	"Os resultados do estudo apontam para as ideias de música das crianças construídas socialmente em suas relações com seus pares e com os professores, apresentando suas perspectivas em relação ao ser artista, suas concepções sobre as apresentações musicais, suas ideias sobre repertório e o brincar nos encontros do grupo.” (Brito e Beineke, 2020, p.328)
8	<i>Conteúdos de ensino para o coral infantil: a experiência do Laboratório de Regência Coral Infantil (LARCI)</i>	Categorizar conteúdos de ensino para o coral infantil.	Revisão narrativa de literatura e Pesquisa-ação - "foi implementado um laboratório prático de formação em regência e, simultaneamente, foram realizados o diagnóstico e a análise daquela situação (Kashima, 2021, p.2)	Exposição dos conteúdos de ensino para corais infantis - "a partir dos estudos adquiridos no LARCI, as(os) regentes puderam planejar propostas mais assertivas para solucionar os problemas da performance e conseguiram sequenciar melhor as prioridades para a formação e o desenvolvimento de um coral infantil a curto e longo prazo "(Kashima, 2021, p.15)
9	<i>Canta, canta, minha gente: uma revisão de literatura sobre o coro infantojuvenil nos anais dos Congressos Nacionais da ABEM - 2023</i>	"compreender o que os conteúdos das revistas e dos anais da ABEM e da ANPPOM revelam sobre a prática coral infantojuvenil. " (Andrade; Paz e Pereira, 2023, p.1)	Revisão sistemática de literatura.	Apresentação dos parciais de uma revisão de literatura, de caráter sistemático e autônomo. Seis categorias de análise: Revisão de literatura (2 artigos), Aspectos cotidianos da prática coral (25), Aspectos históricos da prática coral (2), Repertório (2), Perspectivas dos cantores(2), Prática da regência (4)

Tab.8 Objetivos, métodos e resultados dos artigos de número 7 a 9. Elaboração própria (Britto-Costa, 2023).

2.3. Discussão dos resultados

2.3.1 Coro infantojuvenil

No que diz respeito ao perfil do coro infantojuvenil, Andrade, Paz e Pereira (2023) constataam a complexidade no uso da terminologia e definição de faixa etária do grupo. Os artigos incluídos na revisão sistemática por ela empreendida (em andamento)

referem-se aos processos músico-educativos com coralistas cuja idade varia em torno dos seis aos dezesseis anos, realizados em diversos contextos socioculturais, tendo como objetivo central o desenvolvimento de habilidades artísticas, o estudo do repertório e a performance musical. (Andrade; Paz; Pereira, 2023, p.6-7, grifo nosso)

As pesquisadoras também consideram necessário situar o uso do termo *prática coral*:

prática musical de natureza vocal na qual um grupo de pessoas trabalha para a construção de um resultado sonoro coletivo, tendo o domínio de sua emissão vocal para o desenvolvimento qualitativo do grupo e *utilizando repertório diversificado que contribua para o aprimoramento de diversos aspectos técnico-musicais*, sob a direção de um regente, não importando o nível de experiência do coro ou a instituição a qual está vinculado. Nessa perspectiva, as *características pedagógicas, organizativas, de estruturação musical (conhecimentos específicos da linguagem musical) e as não propriamente sonoras* (motivação, interações sociais e situações que transcendem o momento do ensaio) *apresentam-se como elementos dessa prática*.(Andrade; Paz; Pereira, 2023, p.8, grifo nosso)

Na apresentação dos resultados parciais da revisão, dois assuntos pertinentes são mencionados com frequência: a *importância da prática coral como modalidade de educação musical* (Costa, 2004; Vianna, 2003; Pomianoski e Fink, 2003; Gois e Oliveira, 2010; Nunes e Borges, 2011; Franchini, 2015; Gaborim-Moreira e Stocchero, 2015; Fonseca, 2019, apud Andrade; Paz; Pereira, 2023) e a *relevância da flexibilização e ludicidade* no trabalho com o coro infantojuvenil (Nuno e Borges, 2011; Santos Júnior, 2015; Santos et al, 2013; Gois, 2015, apud Andrade; Paz; Pereira, 2023).

Também Pereira e Chevitarese (2017, p.154), reforçam: "Quando lidamos com crianças, é necessário que a ludicidade colabore para que seja momento prazeroso e proveitoso". Magre (2017, p.2) ressalta o teor educacional essencial da prática coral infantojuvenil como "forma eficaz de educação musical e de fruição artística [...] contato com a linguagem musical em ampla diversidade", e sua possibilidade de "vivência musical apenas com a voz e alguns poucos recursos,[...] convívio social e a criação de vínculos afetivos".

Em Kashima (2021, p.4-5), com relação à formação do regente coral e ao modo de organização do LARCI (Laboratório de Regência Coral Infantil), destaca-se a proposta pedagógica do projeto Comunicantus Laboratório Coral, do departamento de música da Escola de Comunicações e Artes da USP (Universidade de São Paulo) - em que o aprendizado da regência se dá através da regência, acompanhamento e condução de modo direto de um *Coral Escola* (Ramos, 2003 apud Kashima, 2021) - funcionando por meio da alternância "para as(os) regentes aprendizes, momentos de condução das atividades com as crianças com observação e análises" (Kashima, 2021, p.4-5). Reforça-se, assim, a pertinência desse formato educacional na formação de regentes de coros infantis, visto que precisam de experiência prática para desenvolvimento das competências necessárias à sua atuação como regentes-educadores.

2.3.2 Perspectiva pedagógica

O papel ímpar da canção na educação básica é aprofundado de maneira particular em Gaborim-Moreira e Egg (2023), que colocam como questão crucial a escolha de um conjunto de canções adequadas para o canto infantil (quanto a sua *temática* e à *identificação das crianças* - para motivá-las) e que privilegie as condições fisiológicas e o nível de maturação vocal de cada faixa etária" (Gaborim-Moreira e Egg, 2023, p.50) . Identifica-se uma presença natural da canção na escola de modo singular na educação infantil, em que muitas vezes o caráter funcional de memorização se sobressai à interpretação e à técnica). Reforça-se também especial atenção dada ao papel da canção nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) referentes à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental.

A "maneira como o repertório é apresentado também é fundamental para incentivar as crianças a cantar" (Gaborim-Moreira e Egg, 2023, p.49). As pesquisadoras também vão ao encontro da unânime compreensão quanto à relevância da ludicidade na abordagem educacional (como já mencionado no tópico 2.3.1 deste capítulo). Também Kashima (2021) assume esse mesmo posicionamento, tendo como foco cativar as crianças à atividade coral.

À função do professor, atribui-se a necessidade de que seja um modelo preciso para as crianças e utilize "estratégias funcionais para que o aprendizado por repetição não fique mecânico e sem sentido" (Gaborim-Moreira e Egg, 2023, p.49). Compreende-se que a figura do regente possui grande influência sobre as crianças e por isso ele precisa se atentar às sua própria postura e ações durante o ensaio (Branco, 2010, p. 1 apud Kashima, 2021, p.12).

Nessa mesma linha, ao investigar as ideias de música das crianças em um coro infantil da cidade de Florianópolis (SC), os resultados da pesquisa de Vieira Brito e Beineke (2021, p.337) apontam que a novidade e a curiosidade presentes na proposição de novos desafios foram consideradas brincadeiras pelas crianças e que que “as brincadeiras, incluindo atividades que favoreçam a imaginação, gestos e movimentos, aparecem como componente importante no ensaio, contribuindo para a dinâmica e a interação entre elas nos ensaios do coro.”- como se pode observar em transcrição de roda de conversa com as crianças:

Vivi: Eu acho que as brincadeiras são bem divertidas.

Pesquisador: Por quê?

Vivi: Porque às vezes elas enrolam a nossa língua [risos], e são bem difíceis de aprender.

Pesquisador: Ah, então são desafios?

Flor: Eu acho que, quando a professora coloca essas brincadeiras e esses desafios nos ensaios, nesses momentos a gente se diverte, brinca com os amigos e aprende, tudo ao mesmo tempo. (Vieira Brito; Beineke, 2021, p.337)

Com base na categorização de Coll (1998 apud Kashima, 2021, p.5), Kashima (2021) organiza os conteúdos a serem ensinados no contexto do coral infantil em *conceituais, atitudinais e procedimentais*. Os conteúdos conceituais se dividem em três principais conteúdos: aspectos composicionais (compreensão global da obra musical), comunicação textual (compreensão do texto da canção) e funcionamento da voz (conhecer os elementos e sistemas da voz). Os conteúdos atitudinais se resumem à disposição para o aprendizado e os conteúdos procedimentais, tais como percepção, musical, precisão rítmica e afinação, respiração, ressonância, registração, dicção, performance, postura cênica e criação musical):

“configuram as ações práticas valorizadas como fundamentais pelos contextos pedagógicos. Ao assimilarem esses conteúdos, as crianças são capazes de alcançar novos desafios do repertório musical, repercutindo positivamente na melhora da qualidade da performance. Avalia-se positivamente o aprendizado de um procedimento quando a “atuação fica sob controle automático e não se precisa de consciência para realizá-la” (Valls, 1998, p. 88 apud Kashima, 2021, p.10-11)

Tais conteúdos se relacionam com a análise de repertório na medida em que inferem diretamente no repertório a ser selecionado. Com base nos conteúdos que se pretende ensinar é que o regente realizará a escolha de uma ou de outra peça - pensando também nas estratégias de ensino passíveis de serem utilizadas nesse processo. O pesquisador em questão, ao explicar sobre o conteúdo procedimental de *percepção*, afirma que “entender a percepção como um conteúdo abrange objetos de estudos variados (intervalos melódicos, harmônicos, solfejo rítmico e melódico e apreciação musical) e, no ensino da performance, eles *são planejados gradativamente, inspirados nas estruturas musicais do repertório*.” (Kashima, 2021, p.11). Esse mesmo autor também menciona o *repertório de apreciação*, como um recurso para construção da interpretação e da sonoridade do coro - cuja escolha também estaria a cargo do regente.

Nesta revisão, compreende-se que os outros conteúdos procedimentais têm essa mesma característica de planejamento gradativo, inspirado e também inserido nas peculiaridades do repertório. Kashima relata a dificuldade das crianças em aplicar os conteúdos apreendidos pelos exercícios de respiração na execução do repertório, cuja solução adotada foi ensinar esse conteúdo no momento da passagem de repertório - essa estratégia também foi utilizada com outros conteúdos de técnica vocal. Dessa maneira, os conteúdos estão intimamente relacionados com o processo de seleção de repertório no coro infantojuvenil: “Reitera-se novamente que a *escolha das canções e a projeção da*

performance estão na base para o aprofundamento mais específicos destes conteúdos.” (Kashima, 2021, p.13, grifo nosso)

Em resumo, “uma boa performance pressupõe que o coro saiba a letra da canção (conceito) e cante musicalmente (procedimento), e estes saberes exigem certa concentração (atitude)” (Kashima, 2021, p.15) - e tendo em vista os *variados contextos corais*, o autor afirma ser necessária a *consideração de suas particularidades* no direcionamento dos conteúdos a serem trabalhados nos ensaios. Numa perspectiva de ordenação de elementos do repertório por nível de dificuldade, do menor ao maior, Fragoso (2019) aborda em seu artigo algumas ferramentas de auxílio ao regente e ao compositor na criação de arranjos para coros infantojuvenis.

A autora reconhece a necessidade do acréscimo dos papéis de educador e criador ao regente coral, de modo que está constantemente atento à sua própria prática, reinventando-a, elaborando sua própria metodologia, construindo o repertório junto do grupo e elaborando arranjos de canções que se deseje cantar. Nesse sentido, aponta algumas vantagens: “quando se escreve [...]considerando o grupo para o qual se está escrevendo, os desafios e o que já se executa bem podem ser dosados em medida ideal [...] Este equilíbrio é o que está sendo chamado aqui de intenções pedagógicas. O mesmo critério é proposto quando se está selecionando peças já arranjadas para o coro” (Fragoso, 2019, p.143). Coloca o regente como mediador da articulação entre as várias *ideias de música* das crianças - ou seja, *concepções acerca do que é a música*. (Brito,2007,2015 apud Fragoso, 2019, p.143).

No processo de elaboração do arranjo, descreve algumas etapas: escolha da peça (da canção), *estudo do estilo ou gênero a que ela “pertence ou no qual se deseja transformar”* (Fragoso, 2019, p.144, grifo nosso). Enfatiza a importância deste estudo tendo em vista que “as ideias de música pertencem sempre a alguém, a um povo, a uma sociedade, e essas situações e pessoas, refletidas nessas músicas, precisam ser consideradas, respeitadas e preservadas no arranjo, até mesmo quando se pretende modificar o estilo da música original” (Fragoso, 2019, p.146).

Fragoso, nesse artigo, escreve especificamente sobre a formação coral infantil, não contemplando a instabilidade vocal da adolescência em suas ponderações; no que diz respeito à escrita para vozes iguais, afirma:

Enquanto em uma formação coral SATB não é aconselhado, nos manuais de harmonia, que sejam feitas inversões de vozes, isto é, que uma voz mais grave cante, ao mesmo tempo, algo mais agudo que o seu respectivo naipe mais agudo, *nos coros infantis, em que a formação é de vozes iguais, não é raro que aconteçam tais inversões* (Fragoso, 2019, p.148. grifo nosso).

Acrescenta-se a conveniência do canto em partes “para o desenvolvimento de habilidades musicais, tais como a própria afinação.” (Fragoso, 2019, p.150) - e como principal contribuição cita Dwyer, indicando um modo a estabelecer as ferramentas composicionais que se adequam ao desenvolvimento musical de coros iniciantes a coros mais avançados - uma sequência para desenvolver o canto em partes: “Para a maestrina, o passo preparatório é o uso de canções em uníssono, para que, em seguida, o coro introduza as seguintes formas de divisi: ostinato, descante, nota suspensa, cânone, entrada canônica, quodlibet, homofonia.” (Dwyer apud Fragoso, 2019, p.150-151).

Ressalta-se aqui o que Fragoso (2019) aponta sobre essa sequência: “os cânones surgem, no repertório, em coros de nível mais avançado. Já o repertório dos corais iniciantes concentra canções com ostinatos, descantes e suspensões, o que sugere que estes formatos de *divisi* são mais fáceis de executar que os cânones.”(Fragoso, 2019, p.151). A autora se aprofunda e dá exemplos de cada forma de divisi, em ordem de dificuldade - estabelecendo um caminho que vai da polifonia (vozes independentes) à homofonia: *ostinato, descante, nota suspensa, cânone, entrada canônica, quodlibet, homofonia*.

2.3.3 Tessitura

Quanto à tessitura da voz infantil, as autoras Pereira e Chevitarese enfatizam a importância de se conhecer as *características e peculiaridades da voz infantil*, e de se trabalhar as vozes das crianças sem contemplar as extremidades do âmbito vocal infantil. As pesquisadoras citam Bartle (2003, p. 16 apud Moreira; Ramos, 2014), que confere à escolha de repertório uma parcela da influência sobre a construção da sonoridade do coro. (Pereira e Chevitarese, 2017, p.154). Fragoso (2019, p.147) também vai afirmar este aspecto: “é preciso que o arranjador domine alguns conhecimentos técnicos pertinentes à formação do grupo para o qual escreverá. O primeiro deles, neste caso, é a tessitura e a extensão da voz infantil” - apresentando de modo breve algumas considerações sobre âmbito e tessitura vocal infantil. Um dos 37 artigos incluídos na revisão feita no artigo publicado pela Revista Música empreende uma revisão de literatura quanto à extensão vocal infantil (Sobreira e Boechat, 2015 apud Andrade; Paz; Pereira, 2023) - sendo mais uma referência a citar este aspecto como fator de relevância no canto coral infantojuvenil.

Gaborim-Moreira e Egg, (2023, p.51) delimitam e explicam os termos “extensão” e âmbito (‘tessitura’): “dentro da extensão vocal, encontra-se uma região em que as notas são

emitidas com mais conforto e melhor qualidade sonora, o que chamamos de tessitura.” (Gaborim-Moreira;Egg, 2023, p.50 e 51). Afirmam que é à tessitura que o regente deve se atentar na escolha do repertório e para tanto apresentam os limites de tessitura para a faixa etária de 2 a 5 anos - extensão de Dó3 (dó central do piano) a Dó4 e tessitura Ré3 a Lá3 (Egg,2016 apud Gaborim-Moreira;Egg, 2023) - e a partir de 6 anos (Gaborim-Moreira,2015 apud Gaborim-Moreira;Egg, 2023), a extensão de Lá bemol2 a Sol4 e tessitura Si bemol2 a Ré4.

As autoras também refletem quanto ao registro vocal das crianças: afirmam não haver consenso claro entre os estudiosos, mas "de qualquer maneira, é importante que a criança seja conduzida a emitir sons dentro de sua tessitura, com naturalidade e de *maneira equilibrada*” (Gaborim-Moreira;Egg, 2023, p.52)

Por outro aspecto, Rosa, Prestes e Margall (2014) atribuem às queixas por parte de coralistas (e a observação de voz rouca e soprosa) e pais de coralistas quanto à rouquidão, os seguintes aspectos que podem influenciar na escolha de repertório e conhecimento das vozes do grupo que se rege: abusos vocais, infecções das vias aéreas superiores e, sobretudo aponta a possibilidade de estar relacionada ao processo de muda vocal ocorrida entre os 12 e 15 anos: Nesse período, a voz torna-se levemente rouca e instável com várias situações, sendo que na adolescência o esforço vocal aparece mais frequentemente". Através de triagem vocal, "observou- -se que o coro infantojuvenil tem predominância de vozes agudas, provavelmente devido à maior quantidade de participantes serem meninas e/ou meninos que ainda não passaram pela muda vocal. Esse achado concorda com a literatura, que afirma ser comum a altura aguda nas crianças durante a infância” (Rosa, Prestes e Margall, 2014, p. 1612).

2.3.4 Repertório

Na revisão sistemática de Andrade, Paz e Pereira (2023), podemos destacar 3 artigos que abordam diretamente a temática do repertório: dois deles estão incluídos na categoria Repertório e o terceiro, na categoria de Aspectos históricos da prática coral.

Entres os incluídos na categoria *Repertório*, Caregnato e Dias afirmam que "é através das preferências infantis que devemos classificar a literatura como infantil ou não. A criança, seus gostos e curiosidades é que devem ser ouvidos e respeitados, e não as preferências dos adultos" (Caregnato e Dias, 2011, p.397 apud Andrade; Paz; Pereira, 2023, p.22-23). Já o objetivo geral do projeto de Paziani é “refletir sobre o processo de

ensino-aprendizagem musical a partir dos repertórios desenvolvidos pelos coros em questão” (Paziani, 2013, p.2219 apud Andrade; Paz; Pereira, 2023, p.23).

As autoras apontam o repertório como imprescindível na prática coral, mas constataam que esse tema revelou-se pouco abordado nas publicações analisadas. Sobre Borges (2019 apud Andrade;Paz:Pereira,2023) - artigo incluído na categoria de Aspectos históricos da prática coral - as pesquisadoras apontam a importância do material didático produzido: breve descrição e análise da estrutura da Coletânea Minhas Cantigas, com 50 canções escritas para crianças, recolhidas por Lozano, sendo, também, algumas de sua autoria” (Andrade;Paz:Pereira,2023, p.22). Também o artigo sobre a pesquisa de Vieira Brito e Beineke (2015), incluído na revisão integrativa a que se propõe este trabalho, é incluso na revisão das pesquisadoras.

Após análise dos dados coletados em pesquisa, Vieira Brito e Beineke (2020) puderam identificar concepções predominantes de música entre as crianças, entre elas a ideia do que é ser artista, a relação com a plateia, que músicas consideram apropriadas à sua faixa etária ou ao gosto do público (com frequência relacionam suas ideias de música à aprovação dos pais e dos amigos.), e que repertório deveria ser executado pelo grupo:

“As apresentações musicais do coro foram destacadas como espaços relevantes para as crianças, a partir de expressões como momento importante de apresentação e oportunidade de ser artista [...] as apresentações musicais do coro foram analisadas como uma *prática social, que tem sentido quando compartilhada com outras pessoas*. [...] Além disso, *outro aspecto importante refletido pelas crianças foi a reação dos pais e amigos sobre o repertório musical realizado nas apresentações*. Ideias sobre as letras das canções, preferências musicais e o que a plateia gostaria ou não de ouvir foram destacadas pelas crianças nas rodas de conversa.” (Vieira Brito; Beineke, 2020, p.334-335, grifo nosso)

Quanto à seleção de repertório, as falas das crianças refletem de modo muito particular suas ideias de música no que diz respeito ao que gostariam de cantar:

Seria legal, também, cantarmos o que a gente gosta. Acho que nos motivaria mais nos ensaios. (Vieira Brito; Beineke, 2020, p.335)

Eu acho que a maioria aqui do nosso coral tem quase dez anos. É muito chato ficar cantando musiquinhas de bebezinhos, mas a gente também não pode cantar músicas de adultos porque o público também vai achar estranho. (Vieira Brito; Beineke, 2020, p.336)

As autoras sintetizam as reflexões das crianças na seguinte pergunta: por que e para quem cantamos no coro infantil? - enfatizam a importância de proporcionar espaço para que elas sejam ouvidas, num contínuo diálogo com as crianças - de modo a proporcionar um fazer

musical cada vez mais significativo. Fragoso (2015 apud Fragoso, 2019, p.104), ao conferir ao regente o papel de mediador das ideias de música das crianças, tendo como inerente um ambiente de diálogo, observa um processo de rearranjo das impressões dos cantores e regente, que promove ampliação das ideias de repertório e do conceito de música dos envolvidos.

Nessa perspectiva, a pesquisa de Magre (2017) e de Fragoso (2018) contribuem de modo significativo à compreensão da diversidade que se coloca como necessária à seleção de repertório coral, particularmente numa abordagem educativa com grupos infantojuvenis. Magre (2017) dá especial importância à diversidade de repertório em coros amadores, o que somente não se aplica a coros especializados em algum tipo de repertório. Observa um crescente número de arranjos de músicas populares que coloca a execução de música composta originalmente para canto coral em segundo plano - e com a música contemporânea, percebe-se um distanciamento ainda maior.

A esse crescimento da inserção de arranjos vocais nos coros amadores, o autor ainda relaciona a diminuição mesmo da produção de música original para coro - levando à escassez de repertório acessível à formação coral infantojuvenil (com frequência é composto por peças de alto grau de dificuldade, sendo complexa sua inserção no trabalho com essa faixa etária) e ao pouco contato dos regentes com esse repertório. A inserção da música contemporânea nesse contexto é colocada como forma de ampliar a experiência estética dos coralistas. Quanto às estratégias utilizadas nos ensaios para esta inserção, destaca-se abordagem pelo viés da novidade e da proposição de desafios. O regente coloca como indício de que a peça foi bem recebida pelo grupo, o nível de envolvimento dos coralistas com o trabalho desenvolvido.

Fragoso (2018) traz uma abordagem singular a essa temática: em pesquisa de campo junto a “um coro infantil não indígena e um coro infantil guarani Mbya que se encontravam periodicamente na aldeia guarani Tenondé Porã, na cidade de São Paulo, para trocarem experiências musicais, sociais e culturais”(Fragoso, 2018, p.8), relaciona a inclusão de repertório de outras culturas com o respeito às diferenças e a tolerância à diversidade cultural - pontos importantes dos PCNs. “De acordo com esse documento, um dos meios pelos quais se podem promover posturas relacionadas aos valores destacados é o acesso dos estudantes aos recursos e riquezas culturais brasileiras e do mundo” (Brasil, 1997, p. 30 apud Fragoso 2018). Verifica, então, como a educação pode ser importante “elemento provocador da transculturalidade” que se “refere aos processos de transformação gerados pelo movimento

entre culturas” (Fragoso, 2018, p. 11-12) tendo a música como ponto de partida. Novamente, ao educador atribui esse papel de mediador:

trabalho com canções de diferentes culturas em sala de aula pode, além de *contribuir para a formação musical da criança* (na medida em que são ampliados seu repertório musical e sonoro), *dar espaços para o exercício da tolerância e para o respeito em relação às próprias culturas de que tratam as músicas trabalhadas*, já que a elas se referem. (Fragoso, 2018, p.13)

No que se refere à compreensão do texto da música, a autora defende “que é *imprescindível o acesso à tradução da canção* em um trabalho que envolva canções de diferentes culturas em sala de aula, e, não havendo tal acesso, sugere-se que seja melhor considerar outra canção.” (Fragoso, 2018, p.13) - indicando a contextualização como ponto essencial nesse tipo de trabalho.

Outro fator relevante encontrado nesta revisão foi a menção à dificuldade dos regentes brasileiros em encontrar material adequado para coros infantojuvenis, particularmente no que diz respeito ao repertório (Leal,2005; Utsunomiya (2011); Gaborim-Moreira, 2015 apud Fragoso, 2019). Atribui-se isto às raras composições específicas e de boa qualidade para essa formação, à publicação de reduzida de partituras por intermédio das editoras internacionais e à consolidação de uma prática de compartilhamento informal entre regentes, arranjadores e pesquisadores por conta dos altos custos de publicação e da facilidade comunicativa dos meios digitais; (Leal, 2005; Utsunomiya (2011) apud Fragoso, 2019, p.141).

A solução estaria no trabalho dos regentes também como arranjadores e mesmo compositores de peças originais (Gaborim-Moreira,2015; Leal,2005 apud Fragoso, 2019) - a que a regente Fragoso acrescenta o grande proveito que seria para a área coral infantojuvenil se tais arranjos e composições pudessem ser organizados e publicados.

2.3.5 Síntese

Como síntese desta revisão integrativa, os critérios para escolha de repertório para coro infantojuvenil podem contemplar os seguintes aspectos, expostos no fluxograma a seguir:

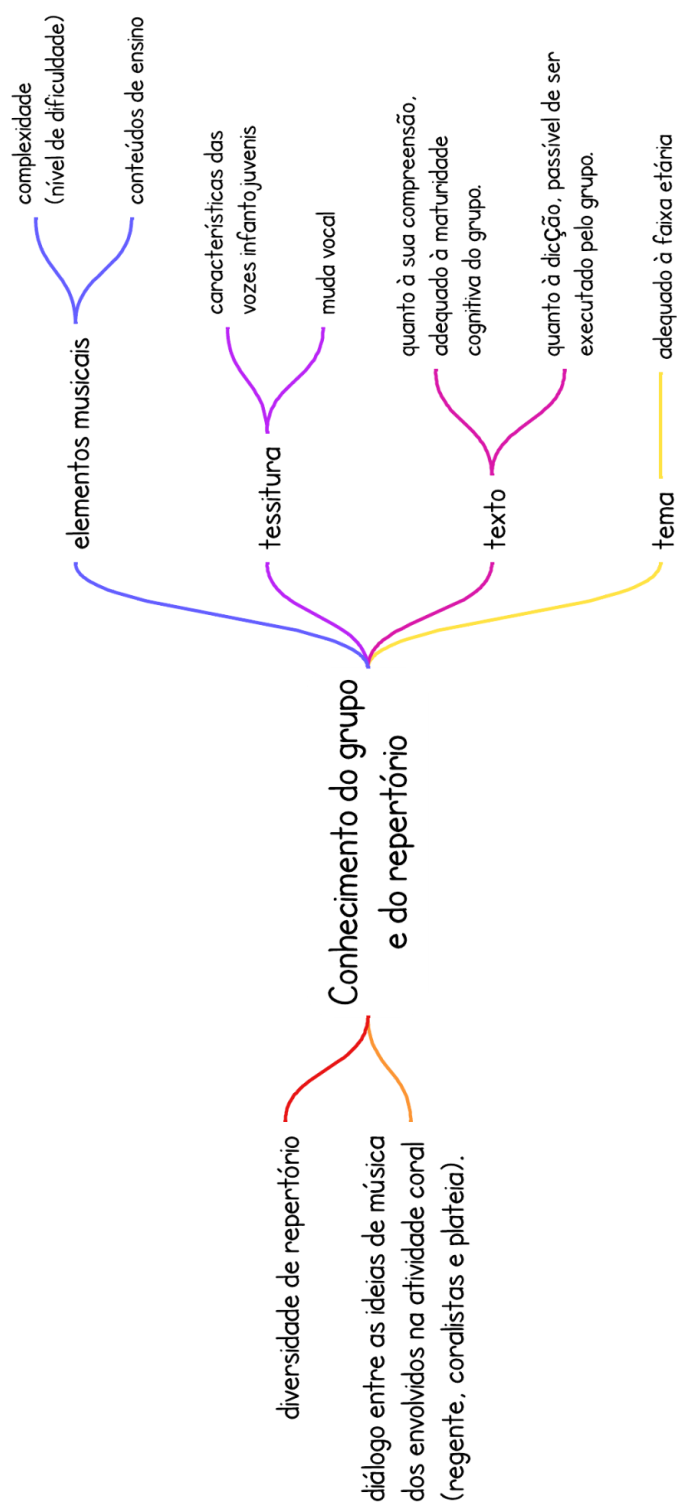


Fig.2 Fluxograma dos critérios de seleção de repertório para coro infantojuvenil (síntese da revisão integrativa).
Elaboração própria (Britto-Costa, 2023)

Quanto à ordenação por nível de dificuldade, menciona-se somente o desenvolvimento do canto em partes, mas não foi possível encontrar, nos textos incluídos, maior aprofundamento quanto aos níveis de dificuldade específicos de cada elemento musical (no canto coral infantojuvenil): melodia, harmonia, forma musical, entre outros. A questão da muda vocal é abordada somente no texto de Rosa, Prestes e Margall (2014), estudo desenvolvido na área de fonoaudiologia, conseqüentemente não é mencionada a adequação da configuração coral às vozes do grupo. A necessidade de uma diversidade de repertórios a serem contemplados nesta escolha, aliada à mediação das ideias de música na promoção de valores de respeito à diversidade cultural foi um tema considerado importante na perspectiva do regente-educador.

Constatou-se novamente a escassez da abordagem do repertório na literatura acadêmica e da disponibilidade de repertório para análise do regente. Esta dificuldade poderia ser contornada por alguns caminhos: a organização do repertório já existente (em sequência didática), a produção de arranjos e composições originais voltadas especificamente para essa formação e a realização de pesquisas voltadas para o estudo do repertório nesse contexto (produção de bibliografia acadêmica). Poderia-se aprofundar, por exemplo, na sequência didática de cada elemento musical e mesmo na muda vocal, que foi assunto pouco aprofundado nos artigos.

“No confronto com uma alta montanha, não podemos atingir o topo com um salto, mas temos de ir passo a passo [...] Sem parar, sem correr, cuidadosamente, dando um passo por vez para frente, certamente há de chegar”

Shinichi Suzuki

CONCLUSÃO

Foram empreendidas, nesta monografia, dois tipos de revisão de literatura. Em um primeiro momento, foi feita uma revisão narrativa (realizada na denominada discussão teórica) com objetivo de situar o estado da arte quanto à escolha de repertório para coros infantojuvenis; por fim, realizou-se uma revisão integrativa (de maior rigor metodológico com busca sistemática nos sites das revistas e cumprimento de suas respectivas etapas).

Após a coleta de dados, por meio de abordagem qualitativa, realizou-se sua análise, identificando - nos periódicos brasileiros publicados entre 2013 e 2023 - os conteúdos relevantes à pergunta de pesquisa “Quais os critérios envolvidos na escolha de repertório para coro infantojuvenil?”. Para além de propor ferramentas para a resposta a uma questão prática, a pesquisa empreendida permitiu confirmar a situação da escassa produção acadêmica em regência coral infantojuvenil - particularmente no que diz respeito às revistas acadêmicas brasileiras. O tema do repertório revelou-se particularmente despercebido na produção acadêmica - com grande necessidade de aprofundado no âmbito da pesquisa acadêmica.

Andrade, Paz e Pereira (2023) questionam o porquê de haver uma quantidade tão pequena de relatos de experiência e dados de pesquisa em nosso universo de atuação - referindo-se a artigos publicados em anais de congressos da ABEM, em que os critérios para publicação são mais flexíveis. Quando restringimos o escopo da pesquisa para os periódicos brasileiros de música, a menor quantidade de trabalhos publicados manifesta-se de maneira ainda mais acentuada, diante disso formula-se a hipótese de que o tema em questão pode ter sido em algum momento desconsiderado pelas revistas na medida em que tangencia a área da educação.

Pudemos verificar também que esta constatação quanto ao número de artigos publicados em revistas se estende às publicações de repertório voltado ao coro infantojuvenil, no contexto nacional. Aponta-se a necessidade de organização do material existente (em sequência que priorize aspectos da gradação de dificuldades, por exemplo) - e um grande estímulo à criação tanto de arranjos de canções quanto de composições originais para esse tipo de configuração coral. Por se tratar de um conhecimento que se desenvolve na prática, ressalta-se aqui a importância dos registros escritos de relatos de experiência, tanto por parte dos regentes quanto dos coralistas - numa abordagem autobiográfica que permite a análise e reflexão quanto aos aspectos envolvidos na prática.

Delinear um panorama da publicação acadêmica na área e propor soluções para essa latente dificuldade não é objetivo desta pesquisa - no entanto aponta-se como um objeto a ser

explorado, particularmente no que diz respeito à formação de educadores musicais. Como observado em Andreta (2023), a promoção de números de revista temáticos pode ser utilizada como estratégia eficiente para compensar a ausência recorrente de alguns temas na publicação científica.

No que diz respeito à formação do regente coral infanto-juvenil, percebe-se a importância de iniciativas de criação de laboratórios corais, que sirvam como ambiente de aprendizado e experimentação para os regentes aprendizes. Compreende-se que ao profissional que conduz o canto infantil é necessário conhecimento altamente especializado (em conhecimento técnico musical, em repertório e em educação). Observa-se possíveis deficiências na formação do regente voltado a esse público, que acabam por restringir sua atuação - especialmente no que diz respeito à adaptação do repertório erudito para execução de seu coro e a uma concepção errônea que atribui ao regente de coros infantojuvenis um perfil de regente iniciante, como se não fossem necessários aprofundamentos técnicos para esta modalidade de canto coral.

A importância dos ambientes propícios ao desenvolvimento desse perfil de regente se manifesta na relevância dada à atividade coral no ambiente educacional em geral, mas também de modo particular no ambiente escolar - como prática acessível aos mais diversos contextos, tendo o canto e a canção como parte integrante da rotina da educação básica. Entende-se a prática coral infantojuvenil como uma atividade desenvolvida por meio de ensaios, conduzidos por um regente-educador, com objetivos pedagógicos e performáticos - concretizados por meio de estratégias de ensino de pontos (conteúdos) de ensino - sendo o repertório o próprio conteúdo ou o veículo para ensino do conteúdo pretendido.

Quanto à composição do grupo coral infantojuvenil, foi muitas vezes reiterada a complexidade do uso das terminologias e da faixa etária envolvida. Embora reconheçamos a necessidade de uma clara delimitação das terminologias, compreende-se que no caso do coro infantojuvenil, por envolver um período do desenvolvimento das crianças e adolescentes que envolve muita instabilidade e variedade da maturação vocal e cognitiva de cada indivíduo (e consequentemente do perfil do grupo) - e, por essa razão, pode ser composto por crianças, pré-adolescentes e adolescentes e a sua configuração coral adapta-se às realidades únicas de cada coro.

É nesse sentido que um dos principais fatores mencionados como relevantes na escolha de repertório para esse perfil de coral se trata justamente do conhecimento do grupo, das características vocais de cada cantor e da singularidade identitária do coralista e do grupo

- o que vai refletir na opção por uma ou outra configuração vocal a ser adotada e na opção do texto e temas das peças escolhidas - com relação às diferentes faixas etárias envolvidas, é necessário dispor de conhecimento no campo psicopedagógico, aliado a uma postura de abertura às ideias de música das crianças. Para além do foco na seleção do repertório, entende-se a relevância do processo envolvido no aprendizado deste repertório - e que também demandará especial atenção do regente.

Do conhecimento do grupo e do repertório, derivam-se critérios significativos no processo de seleção repertorial - e que orientam a escolha do regente. No que diz respeito à tessitura, o conhecimento de alguns parâmetros de âmbito e tessitura vocal de acordo com idade, da peculiaridade da fase de muda vocal e a ênfase no cultivo de bons hábitos vocais, sempre evitando utilizar os extremos da voz infantil - sua extensão (Chevitarese, Pereira, 2017). Numa perspectiva pedagógica, destaca-se dois elementos: em primeiro lugar, o estabelecimento de uma sequência didática que possibilite fruição do aprendizado musical, de modo a evitar saltos muito grandes de dificuldade em grupos que ainda não possuem fluência necessária para superá-los.

No aprendizado do canto em partes, questão que foi apontada como dificuldade usual no ambiente nacional, propõe-se uma sequência de apresentação e desenvolvimento da polifonia, passando primeiro pela independência das vozes para depois caminhar à homofonia (Fragoso, 2019) - o que se segue ao trabalho cuidadoso do uníssono que, em si, é complexo e envolve muitas habilidades, sempre precedendo o trabalho a mais de uma voz. Vale ressaltar que a precedência do uníssono não indica sua menor complexidade quando comparado à divisão de vozes. A migração do uníssono para a polifonia é um fator sempre presente no trabalho peculiar com cada coro.

Nesse sentido, acrescenta-se aqui que apesar de haver no embasamento teórico ser frequente a menção à muda vocal como fator que merece atenção do regente, a voz infantil (mesmo antes da mudança vocal) possui particularidades que exigem adaptação do regente da mesma forma - a depender também do contexto social e das particularidades de cada coro - por exemplo, crianças que chegam ao coro cantando em região mais grave.

Temos também uma preocupação com a experiência estética, apresentação a uma variedade de repertórios, aliada com o respeito à diversidade cultural. A relevância do tema e da compreensão contextualizada daquilo que se fala (mesmo que em outro idioma), levando à reflexão e ao constante movimento de transformação das ideias de música, é um princípio presente nestas ponderações. Após a inserção de determinada obra no repertório, faz-se

necessário ainda manter uma constante reavaliação - para evitar desconfortos com relação a uma eventual escolha desarmoniosa com o momento do grupo - muito passível de acontecer, mesmo para os regentes mais experientes.

Destaca-se, sobretudo, a concepção do regente como modelo para os coralistas - o que lhe demanda o cultivo de transparência na seleção e inserção de peças no repertório do coro e que envolve o trabalho minucioso de análise de repertório e estabelecimento de conteúdos a ele atrelados ao planejamento de cada ensaio. O regente-educador, então, está comprometido com a educação integral das crianças e adolescentes. Vale ressaltar, nesta direção de pensamento, que a figura de um regente-educador é aqui colocada como essencial no trabalho com coro infantojuvenil - que envolve necessariamente a dimensão do ensino. É preciso, no entanto, recordar que esta postura do regente é também uma demanda da prática coral especialmente no Brasil e em particular quando nos referimos a coros amadores.

O conhecimento do grupo em suas características vocais, identitárias e quanto à faixa etária - aliada ao conhecimento de uma variedade de repertório - serve como subsídio à análise das características musicais e textuais e da tessitura vocal exigida pela peça em triagem - e envolvendo necessariamente, reflexões de caráter pedagógico quanto à sequência didática do repertório e sua adequação ao grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Klesia Garcia; PAZ, Anaide Maria Alves da; PEREIRA, Valdiene Carneiro. Canta, canta, minha gente: uma revisão de literatura sobre o coro infantojuvenil nos anais dos congressos nacionais da abem. Revista Música, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-36, 1 set. 2023. Semestral. Universidade de São Paulo. Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais.. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/rm.v23i1.212250>. Acesso em: 29 set. 2023.

ANDRETA, Maria Rúbia de Moraes. Onde estão as mulheres no canto coral? Compositoras e arranjadoras a partir da literatura acadêmica e da análise da programação de coros profissionais do sudeste do Brasil. 2023. 251 p. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.]

CHEVITARESE, Maria José. O Canto Coral como Agente de Transformação Sociocultural nas Comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: Educação para Liberdade e Autonomia. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia

Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, Patricia S. S. Características do repertório para coro juvenil: verificação de especificidades. 2017. Doutorado em Música – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

DUDZIAK, Elisabeth. O que é literatura cinzenta? 2021. Disponível em: <https://www.abcd.usp.br/noticias/o-que-e-literatura-cinzenta/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

FRAGOSO, Daisy. ARRANJO PARA CORO INFANTIL: ALGUNS RECORTES E FERRAMENTAS. REVISTA DA ABEM, [S. l.], v. 26, n. 41, 2019. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/794>. Acesso em: 29 set. 2023.

FRAGOSO, Daisy. Entre a tekoa e a sala de música: arranjos entre crianças não indígenas e guarani Mbya. REVISTA DA ABEM, [S. l.], v. 25, n. 38, 2018. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/646>. Acesso em: 29 set. 2023.

GABORIM MOREIRA, Ana Lúcia Iara; EGG, Marisleusa de Souza. Cantando na escola: caminhos e possibilidades para a educação vocal. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 34–56, 2018. DOI: 10.5965/2358092519192018034. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/13128>. Acesso em: 6 out. 2023.

GABORIM-MOREIRA, A.L.I. Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU. 2015. [574f.] Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

KASHIMA, Rafael Keidi. Conteúdos de ensino para o coral infantil: a experiência do Laboratório de Regência Coral Infantil (LARCI). OPUS, [s.l.], v. 27, n. 2, p. 18, ago. 2021. ISSN 15177017. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2021b2714>. Acesso em: 11 out. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.20504/opus2021b2714>.

LECK, Henry H. Criando Arte através da Excelência do Canto Coral. Henry Leck, Flossie Jordan; tradutor Aderbal Soares. – São Paulo, SP: Pró Coral, 2020.

MAGRE, F. de O. A inserção da música contemporânea no repertório de coros infantojuvenis – Descrição de uma metodologia. Revista Vórtex, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 1–16, 2017. DOI:

10.33871/23179937.2017.5.3.2170. Disponível em:
<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2170>. Acesso em: 6 out. 2023.

PEREIRA, Rachel de Abreu; CHEVITARESE, Maria José. A preparação vocal no trabalho da construção da sonoridade do coro infantil. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, p. 145-159, jul. 2017. Semestral. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/26121/14043>. Acesso em: 29 set. 2023.

ROSA, Milka Botaro; PRESTES, Raquel; MARGALL, Soraya Abbes Clapes. Caracterização dos aspectos vocais de um coro infantojuvenil. **Revista Cefac**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 1606-1614, out. 2014. Mensal. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201427012>. Acesso em: 6 out. 2023.

REIS, Ana Claudia dos Santos da Silva. Aspectos fundamentais para a formação de performers em coros infantojuvenis: estudo de casos. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SESC SÃO PAULO (Org.) Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil. São Paulo: SESC, 1997, p.65-76.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *einstein (São Paulo)*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>. Acesso em: 8 set. 2023.

VIEIRA BRITO, Dhemy Fernando; BEINEKE, Viviane. Ideias de música no coro infantil: por que e para quem as crianças cantam?. *REVISTA DA ABEM*, [S. l.], v. 28, 2021. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/947>. Acesso em: 29 set. 2023.